



1290003861

TCC/UNICAMP
Sp24c
1290003861/FE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CAROLINA DE MATTOS SPAGNOL

CRIANÇA: NEM MENINO, NEM MENINA?
A (DES)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO EM LIVROS
DE AUTO-AJUDA

CAMPINAS

2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

20080729

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CAROLINA DE MATTOS SPAGNOL

**CRIANÇA: NEM MENINO, NEM MENINA?
A (DES)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO EM LIVROS
DE AUTO-AJUDA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para conclusão do curso de
graduação em Pedagogia da
Faculdade de Educação / Unicamp,
sob orientação da Professora Dr.
Ana Lúcia Goulart de Faria.

CAMPINAS

2008

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TEC/UNICAMP
	Sp24c
V:	EX
TOMBO:	3861
PROC:	148109
C:	S X
PREÇO:	11,00
DATA:	02/04/09
Nº CPD:	

cod tit 497112

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Sp24c	Spagnol, Carolina de Mattos Criança : nem menino, nem menina? A (des)construção do gênero em livros de auto-ajuda / Carolina de Mattos Spagnol. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008. Orientador : Ana Lúcia Goulart de Faria. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Criança pequena. 2. Relações de gênero. 3. Livros de auto-ajuda. 4. Creches. 5. Feminismo. I. Faria, Ana Lúcia Goulart de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	--

08-538-BFE

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúcia Goulart de Faria

Segunda Leitora: Prof^ª. Ms^ª. Daniela Finco

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha orientadora Ana Lúcia por, além de me orientar, ter acreditado em mim desde o início da nossa relação, e por toda a sua atenção. Agradeço ao grupo de TCC que acompanhou a escrita do meu trabalho, ajudando sempre a melhorá-lo.

Agradeço à minha segunda leitora Daniela Finco que leu com carinho meu trabalho e foi muito atenciosa me sugerindo algumas alterações.

Agradeço aos meus pais, Celia e Marcos que tiveram como principal objetivo na vida dar-me uma educação crítica voltada para a transformação e não para a conformidade da realidade.

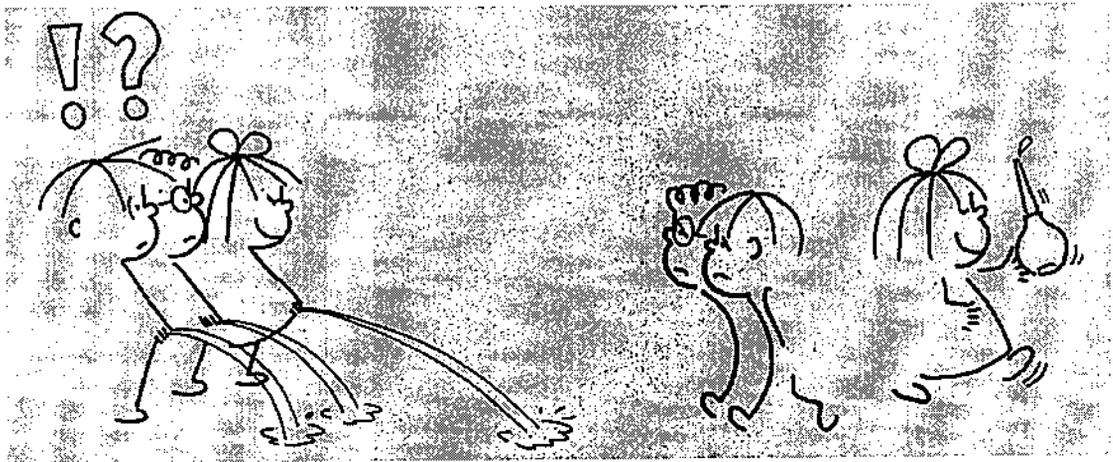
Agradeço ao meu namorado Robert que está sempre ao meu lado, que ouviu meus lamentos, acompanhou meu nervosismo e me apoiou muito, ajudou-me nos conceitos de estatísticas e me incentivou quando eu pensava que não conseguiria mais.

Agradeço à amizade da Harue, da Lilian e da Milena, minhas grandes companheiras no decorrer dos quatro anos de faculdade.

Agradeço a todos e a todas que estiveram presentes durante a elaboração deste trabalho e tiveram paciência comigo. Minhas grandes amigas Dayane e Tamy e meus grandes amigos Daniel, Diogo e Tavinho que entenderam a minha ausência.

Teco, teco, teco, teco, teco
Na bola de gude era o meu viver
Quando criança no meio da garotada
Com a sacola do lado
Só jogava prá valer
Não fazia roupa de boneca nem tão
pouco convivia
Com as garotas do meu bairro que era
natural
Subia em postes, soltava papagaio
Até meus quatorze anos era esse meu
mal
Com a mania de garota folgazã
Em toda parte que passava
Encontrava um fã
Quando havia festa na capela do lugar
Era a primeira a ser chamada para ir
cantar
Assim vivendo eu vi meu nome ser
falado
Em todo canto, em todo lado
Até com quem nunca me viu
E hoje a minha grande alegria
É cantar com cortesia
Para o povo do Brasil

(Pereira da Costa/Milton Villela, 1950)



Resumo

Esta pesquisa tem o intuito de ser um material de formação de docentes de Creches e Pré-escolas. Partindo da concepção de Joan Scott (1990;1992), segundo a qual gênero é uma construção cultural e social, o presente trabalho busca fazer uma crítica à educação desigual dada a meninas e meninos na qual os estereótipos femininos e masculinos são impostos pela sociedade sexista.

Dentre todos os meios de comunicação que enfatizam a diferença entre os sexos e justificam através do determinismo biológico as desigualdades sociais existentes entre homens e mulheres, foi selecionada uma literatura específica, os livros de auto-ajuda baseados no senso comum, que apresentam recordes de venda em todo o mundo. Para dialogar com estes e os contra-argumentar, utilizo-me de pesquisas científicas atuais no campo de relações de gênero e pequena infância ou seja, pesquisas que abordam assuntos relacionados às crianças de zero a seis anos de idade.

Entendendo que a criança é um sujeito social, portador de direitos, que tem uma história, produz cultura e que se relaciona multiplamente, o presente trabalho defende a Creche como um espaço de múltiplas relações e de respeito à heterogeneidade, no qual as crianças podem relacionar-se entre si. Os livros de auto-ajuda citados no atual trabalho degradam o ambiente da Creche e apresentam a professora de maneira pejorativa, a fim de defender o retorno da mulher ao lar sob a função de cuidar dos filhos e aceitando os papéis impostos pela sociedade baseados nas supostas diferenças entre os sexos.

Índice

Introdução	
...se discute sim!.....	01
Capítulo I – Mulheres	
As mulheres ontem, as mulheres hoje.....	07
As mulheres em cena.....	08
As mulheres no Brasil.....	11
Mulheres e movimentos.....	13
Capítulo II – Educando adultos: os livros vendidos em massa	
Livros que ensinam a ensinar se discute.....	17
Estatística.....	20
Média.....	21
Histograma.....	22
Para entendermos a média.....	23
Capítulo III – Por uma educação não-sexista	
Relações de gênero.....	25
Azul de menino, rosa de menina.....	29
Como fazer uma menina.....	34
Como fazer um menino.....	38
Um pouco de estudo científico.....	42
Capítulo IV – Creche: Lugar de criança pequena	
Para a mulher, para a criança, para a sociedade.....	42
Um livro baseado em senso comum.....	44
Considerações finais	
Homens também fazem amor, mulheres também fazem sexo.....	56
Referência Bibliográfica.....	62

Introdução

Gosto se discute sim!

No decorrer da graduação, eu não sabia que nome atribuir à minha área de interesse, por isso passei a estudar sexualidade na linha foucaultiana e não psicológica. Mas foi apenas quando entrei em contato com o livro *Gênero, sexualidade e educação*, de Guacira L. Louro (1997) que compreendi o conceito das relações de gênero, e me encantei pelo tema. Posteriormente, foi outra autora que me inspirou a definir meu foco no TCC, Daniela Finco (2003) no artigo *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil*, tal trabalho ajudou-me a definir meu diferencial, porém o trabalho também não seria este, se as aulas da Profª. Ana Lúcia Goulart de Faria não tivessem me cativado e me feito ter certeza de que minha área de estudo daquele momento em diante seria a Educação Infantil.

Minha pesquisa partiu da dúvida que me acometia: com que idade se inicia a educação diferenciada segundo o sexo da criança? Sou professora de Pré-escola e percebo, todos os anos, que as crianças pequenas já trazem embutidas em si conceitos sexistas, sejam aquelas que já freqüentavam creche, ou as que até então pertenciam apenas à esfera doméstica. O lápis cor-de-rosa já era para as crianças “coisa de menininha” e o azul de “menino”, assim como meninas não jogavam futebol e os meninos eram mais fortes. Observei que quando algo era dito pertencente ao sexo feminino, era usado, também, no diminutivo. Outras características típicas de sexismo estavam presentes entre as crianças, sempre apontando que meninos e meninas são diferentes não só fisicamente.

Direcionei, então, minha pesquisa para o momento anterior à entrada das crianças na pré-escola, seja em casa, ou no berçário, encaminhei meu estudo para a educação de bebês, pois estes estão no princípio da construção das relações de gênero. Entendendo gênero como uma construção social entre meninos e meninas, e de acordo com esta pesquisa, os bebês já são educados diferentemente pela sociedade em que se encontram.

A Sociologia da Infância enxerga a criança com características diferenciadas dos adultos, como construção social e produtora de cultura. Tomo como base para o presente trabalho as pesquisas que focam as crianças no coletivo da esfera pública no Brasil (Tristão, 2006; Faria, 1999; Finco, 2004, Gobbi, 2002) e nas pesquisas italianas (Bondioli e Mantovani, 1998)

Através dessas novas concepções de infância que a profissional que se está inventando, também está construindo uma pedagogia que observa e escuta a criança como ela é fora de casa, na esfera pública, relacionando-se com coetâneos, com crianças de outras idades e adultos diferentes da esfera privada. (Faria, 1999, p.17)

Este trabalho é uma reflexão, fruto da observação no cuidado e na educação de bebês no que diz respeito ao sexo destes. Considerando que as visões diferenciadas que os adultos, sejam eles pais e mães, professores e professoras ou participantes do cotidiano da criança, influenciam na educação dada a esta.

Entendemos gênero como a formação e diferenciação social de meninos e meninas, quanto a masculino e feminino. Segundo Louro (1997) não se nasce homem ou mulher, mas sim se é educado para ser um ou outro. Para Scott (1990; 1992) gênero é a organização social da diferença sexual, e é uma categoria importante que deve ser analisada. No meio acadêmico, já se tem avançado bastante nas pesquisas sobre gênero.

Os padrões de ser humano são colocados pela sociedade através da religião, da mídia, da escola e de tudo o que faz parte da vida do indivíduo. Tudo é ensinado desde muito cedo para as crianças. Os padrões de certo e errado são naturalizados nas pessoas e estas passam os saberes de geração a geração, sem perceber que não se trata de concepções natas.

Vivemos em uma sociedade na qual se acredita que cada um é responsável por sua liberdade e que esta será conquistada através do esforço pessoal. Isso também ocorre com as preferências, acredita-se que gosto é algo pessoal, e que cada ser humano possui o seu, independente das influências que sofre. Existem até ditos populares que comprovam tal pensamento como: “gosto não se discute” ou “gosto: cada um tem o seu”. Entretanto, gosto

se discute, e é isto que pretendo provar nesta pesquisa, que os gostos, neste caso, os relacionados ao sexo, são construídos socialmente desde que somos bebês.

O ambiente ao qual o bebê é exposto, assim como os brinquedos deixados à sua disposição, os filmes e desenhos animados assistidos, as conversas entre os adultos, as lições dadas pelos adultos por estes, os livros infantis lidos são fatores que determinam as preferências e constroem valores nas crianças.

Utilizo-me para elucidar a forma como os adultos educam bebês uma parte da literatura utilizada mundialmente sobre este assunto, são os livros de auto-ajuda, literaturas estas, tidas como *best sellers* com base no senso comum, ou seja, sem metodologia científica e que muito influenciam a opinião pública.

Observando, nas estantes de livrarias, a seção de “auto-ajuda”, percebi que parte significativa desta diz respeito à diferenciação entre os sexos. Voltadas ao comportamento feminino ou masculino, tais obras buscam provar que homens e mulheres são diferentes, ou ainda, a forma correta de educar as crianças de acordo com o sexo. *Criando Meninas* de Gisela Preuschoff (2004) e *Criando Meninos* de Steve Biddulph (2005), dois livros de auto-ajuda, que são *best sellers*, expõem uma proposta de educação diferenciada para o menino e para a menina. Apoiando-se no determinismo biológico, estes livros fundamentam as desigualdades sociais entre os sexos.

Em ampla investigação sobre as construções do sexo e do corpo sexuado, Anne Fausto-Sterling (2000) – professora de biologia e estudos do gênero do Departamento de Biologia Molecular e Celular e Bioquímica da Universidade Brown, em Rhode Island, Estados Unidos – cita inúmeras pesquisas que atestam a existência de uma anatomia cerebral específica para cada sexo. Daí viria o fundamento para atribuir às mulheres, e a seu largo corpo caloso¹, a intuição, a falta de aptidão para exatas, a ampla habilidade verbal e o uso simultâneo de ambos os hemisférios cerebrais. Aos homens, em geral, confere-se melhor desempenho espaço-visual, matemático e científico. Articulando biologia, medicina e ciências sociais, a autora revela ainda como estas pesquisas usam as relações sociais para estruturar a natureza e, ao mesmo tempo, reduzem o mundo social a ela. Em outras palavras, passam da discussão das diferenças externas e do ambiente social para as diferenças internas, do organismo biológico, e quais os efeitos sobre o que se entende por masculinidade e feminilidade. (Vianna e Finco, 2006)

Refletir sobre os fundamentos destas afirmações no âmbito da educação, e mais especificamente da educação infantil, exige o questionamento de suas origens e do peso do caráter biológico na construção das diferenças. Isso pressupõe, por exemplo, indagar a respeito da interferência e do papel da cultura nos processos de socialização e de formação de meninas e meninos desde suas primeiras experiências de vida na instituição escolar.

Entendo que para estudarmos as crianças pequenas e as relações de gênero, não se pode descartar a história das mulheres, já que as creches e a preocupação com espaços pedagógicos, adequados, estão vinculadas à emancipação e às lutas feministas. Minha pesquisa possui como ponto de partida a análise bibliográfica de estudiosos da história das mulheres e os espaços que estas ocuparam na sociedade.

Por esse motivo, inicio meu TCC apresentando no primeiro capítulo a trajetória da história das mulheres, utilizando o termo mulheres no plural por entender que o conceito de gênero apresenta múltiplas formas de ser homem e mulher. Coloco, neste capítulo, uma breve história das mulheres no Brasil e suas lutas, abordando, a partir deste parâmetro a creche atual como uma das conquistas feministas. (Perrot, 1990; Scott, 1992; Pinto, 2003; Louro, 2004; Ferreira e Bonan, 2005)

Observo nesta pesquisa, que grande parte dos pesquisadores e pesquisadoras não inclui a parcela da sociedade que não teve voz, ou os que não foram, segundo estes, atuantes na construção da história. Ouso neste trabalho, dialogar com alguns dos “mudos” da história: a mulher e a criança.

Com o grande crescimento, após os anos 60, dos cuidados da criança pequena fora do âmbito familiar, estas passaram a dividir espaços com outras crianças de sua idade e tais cuidados passaram a ser responsabilidade do estado, tornando-se assim um capítulo das políticas públicas, (Campos, 1986; Rosemberg, 1995, 1996), além disso, as práticas que eram, anteriormente, privadas passam a ser coletivas.

Desde o Séc. XVIII existiam, na Europa, instituições que cuidavam das crianças pequenas para as mães pobres que trabalhavam, algo como os asilos e as creches (Ariés,

1978), mas foi somente a partir do final do Séc. XX, que a educação infantil passa a ser um direito não só das mães, mas também das crianças.

Se até o Séc. XX a função de cuidar do filho era exclusiva da família, e esta era uma forma de sobrevivência da criança, por que então passar tal responsabilidade para outra instituição? Existem duas ordens de determinações inter-relacionadas que são, principalmente, interligadas: modificações nas relações de gênero e na concepção de criança pequena. A luta pela igualdade de gênero caminha junto com a evolução das políticas de educação infantil. (Rosemberg, 1995)

No segundo capítulo, exporei alguns livros de auto-ajuda, que atingem altas cotas de vendas nas livrarias, destinados a expor as características femininas em oposição às características masculinas, como meios de reafirmar a sociedade sexista. Quatro livros foram analisados no decorrer da construção deste trabalho: *Criando Bebês Felizes* (2007), *Criando Meninas* (2003), *Criando Meninos* (2002) e *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000). Cada um deles não só expõem as diferenças sexuais, como a partir do determinismo biológico, justificam as desigualdades entre os sexos. A base da teoria do determinismo biológico está em apoiar as características na fisiologia, assim a anatomia determinadora justificaria as relações entre homens e mulheres. Também no segundo capítulo, darei uma explicação básica de estatística, uma vez que tais livros de senso-comum utilizam os dados e os termos de maneira errônea.

O terceiro capítulo, baseia-se no diálogo entre dois dos livros escolhidos: *Criando Meninas* (2003) e *Criando Meninos* (2002). Obras que defendem a educação de meninos e meninas de acordo com os estereótipos feminino e masculino. Buscarei contra-argumentar tais obras através de pesquisas científicas, apoiando-me principalmente em Rosemberg, 1995; Faria, 1999; Prado, 1999; Bondioli e Mantovani, 1998, Gobbi, 1999; Finco, 2003, 2004; e Sartori, 2004.

O quarto e último capítulo, também se baseia no diálogo entre o livro de senso-comum *Criando Bebês Felizes* (2007), de Steve Biddulph, e as pesquisas a respeito de creches. O autor deste livro defende que as mulheres devem retornar ao lar e serem

incumbidas de cuidar de seus bebês, pois defende a idéia de que a creche é nociva para as crianças.

Admito que este último capítulo foi, com certeza, o mais difícil de escrever, pois a leitura do livro de Biddulph foi lenta, não por possuir uma linguagem complexa, muito pelo contrário. Assim como muitos outros livros de auto-ajuda, este é de fácil entendimento e procura proporcionar uma leitura dinâmica, como se fosse uma conversa com o leitor ou com a leitora. Entretanto os argumentos de Biddulph me deprimiram. Desde a sua campanha pelo retorno da mulher ao lar, e os seus argumentos de que a mulher que trabalha fora o faz por ser consumista e não se satisfazer apenas com o salário do marido, até seu preconceito em relação às professoras de creche. Confesso que as leituras dos livros de auto-ajuda, em especial a deste último livro citado, foram extremamente difíceis para mim por se colocarem tão contrárias a todos os meus ideais. Algumas vezes, escrevi palavras ofensivas no decorrer do capítulo dirigidas a este livro, palavras que precisaram ser apontadas pela minha orientadora e retiradas da sentença.

Minha pesquisa possui âmbito qualitativo e sendo assim a primeira fase envolve a seleção e definição de problemas. Busquei problematizar a influência dos livros de auto-ajuda na educação desigual de meninos e meninas. A segunda fase consiste numa busca mais sistemática daqueles dados que o pesquisador ou pesquisadora selecionou como importantes para se compreender e interpretar o fenômeno estudado. Procurei pesquisas que denunciassem as desigualdades impostas socialmente a crianças pequenas e as contra-argumentações destas. Assim, criei um diálogo entre os livros de auto-ajuda baseados em senso comum e as pesquisas científicas.

Desta forma, tomo como referência a análise bibliográfica referente a bebês, crianças pequenas e gênero, além da leitura de livros baseados em senso comum, observando, desta forma, o que a população em geral possui de referência “fácil” para educar seus filhos.

Busquei em Finco (2003) a relação das brincadeiras entre meninos e meninas na educação infantil, em que o contato entre crianças parte do ponto de vista destas. A autora

pesquisa as relações de gênero através das brincadeiras, pois esta, além de uma forma de expressão e a maneira com a qual as crianças se manifestam culturalmente.

Utilizo-me de Del Priori (2004) e Perrot (1990) para dialogar com a história das mulheres, chegando até os dias de hoje, discutindo a emancipação da mulher e a fecundidade. De acordo com Fúlvia Rosenberg (1999) a expansão de formas alternativas de educação e cuidado da criança pequena foi decorrente da emancipação da mulher. *As mulheres sempre trabalharam, casaram-se e foram mães, entretanto, hoje em dia isso acontece simultaneamente, levando as mulheres a procurarem quem cuide e eduque seu filho enquanto ela trabalha fora.* (idem). O exercício da maternidade como único destino feminino passa a ser questionável, com isso, o ideal de criação do filho deixa de ser centrado na mãe. O papel da mulher na sociedade muda com suas reivindicações, como, por exemplo, a liberação do aborto e o chamamento do homem ao papel de pai. As realizações individuais fora do lar tornam o filho um ser não exclusivo da mulher e nem esta exclusiva dele.

O presente trabalho pretende ser material de formação docente. Espero que esta pesquisa auxilie professores e professoras a se questionarem quanto a valores e conceitos já naturalizados e através do levantamento histórico da trajetória das mulheres, perceberem que a discriminação entre os sexos ainda existe e que algumas concepções são decorrentes de fatores históricos, como a atribuição de cuidar de crianças, e as profissões ditas masculinas ou femininas.

Capítulo I

Mulheres

As Mulheres ontem, as mulheres hoje.

Se este capítulo possui a pretensão de resgatar um pouco da história das mulheres é porque, independente do tempo em que os fatos ocorrerem, é relevante analisarmos criticamente as paridades destes com a atualidade. Não será estranho se a leitora ou o leitor encontrarem similaridade entre as condições das mulheres no início do século XX, com as condições destas no início do século XXI.

Para entendermos a relação entre o passado e o presente da mulher, é necessário compreendermos o estudo da história, suas contribuições, o sujeito como indivíduo que, uma vez integrando uma teia de relações sociais, econômicas, culturais, carrega consigo uma gama de experiências vividas no cotidiano, no qual, justamente, a história é construída, fazendo deste um objeto científico. Assim, a história é movida pelo próprio sujeito e suas experiências, ainda que este não possua consciência de tal.

A idéia principal deste capítulo é justamente localizar a mulher dentro da história, e trazê-la à consciência de que esta age sobre ela. Que como agente cultural, sua história contém e está contida na história da sociedade.

História, que sempre foi contada por homens, sobre outros homens, relegando a mulher a um papel coadjuvante, com pouco destaque da participação feminina na construção da história, assim como a história da infância.

Buscar a mulher na história torna-se uma tarefa difícil quando se trata de documentos oficiais. O espaço feminino por longo tempo foi o lar, muitas mulheres não estudaram, até o século XIX a maioria era analfabeta e mesmo as que não eram, não possuíam voz.

Felizmente, para os historiadores e historiadoras da História Nova, documento não é somente o oficial, este vai além da escrita, basta que demonstre a presença, o gosto e a atividade humana. Portanto, uma foto, um desenho de criança, um livro infantil será considerado como documento para elucidar a educação diferenciada de meninos e meninas. *A realidade é social ou culturalmente constituída* (Burke, 1992), os fatos são construções culturais, sujeitos a variações, tanto no tempo quanto no espaço.

A visão de história thompsoniana de resistência trilha o caminho do método dialético, que permite compreender a produção do espaço em constante transformação. A produção do conhecimento de conceitos e do saber deverá fazer parte de um processo crítico que produzirá conflitos e contradições, pois são questionados o passado e o presente, sem haver a verdade absoluta.

Segundo Thompson, não existe verdade absoluta, o resultado é provisório. Não se pode mudar a “pesquisa” histórica do passado, porém o que pode ser alterado é o juízo de valor sobre aquela pesquisa. (Thompson, 1981).

As mulheres em cena.

A começar pela função essencial, culturalmente atribuída a mulher, de ser mãe, a mesma está presente em todas as instâncias da sociedade: no lar, profissionalmente, na vida pública e em todos os acontecimentos que transformam a sociedade. O discurso sobre ela não dá conta da sua realidade e é atravessado pela necessidade de contê-la, de fazê-la ausente ou, pelo menos, com que a sua presença seja discreta.

Não podemos olhar apenas as suas ações e seus modos de vida, sem levar em conta os discursos que influenciam a maneira de ser e as relações que se instituem entre a mulher e o homem.

Do século XVI ao XVIII, num contexto de instabilidade sócio-econômica, com as grandes transformações e o mercantilismo influenciando todas as instâncias sociais e os movimentos da reforma e contra reforma, há um aceso debate das questões entre homens e mulheres, tais conflitos marcam este período. Os escritos e imagens nos levam ao centro da

discórdia: as mulheres são difamadas, fala-se de sua crueldade, malícia e sexualidade, até que em 1673, Poullain de la Barre escreve quatro obras modernas acerca da igualdade entre homens e mulheres. Descartes também exercerá sua influência nesse assunto. (Perrot, 1990).

Ao longo de três séculos, as profundas mudanças de ordem econômica, política, cultural e religiosa alteram o estatuto das mulheres e as relações entre os sexos. As epidemias, fome, guerras, fazem-nas entrar na cena pública. As relações entre o feminino e o masculino são marcadas por constantes transformações, e as relações de força nem sempre favorecem o sexo feminino. Das tensões entre os sexos nascem conflitos, mas também trocas. A mulher merece ser olhada como participante da história e não como um de seus objetos. Vê-la sob uma outra perspectiva, além da visão da mulher sempre dominada e do homem como seu opressor.

Outras duas formas de figuras femininas têm presença marcante dos séculos XVI a XVIII: a feiticeira e as ativas agitadoras, que em tempo de crise incitam e arrastam consigo os homens. Apesar das suas diferenças, as tentativas são as mesmas: escapar à monotonia da sua condição, para mostrar desejos comuns. Neste contexto, sexo e classe social são elementos inseparáveis para compreendermos as formas do jogo social. Vêm-se múltiplas e diferentes figuras e formas de pensar os comportamentos femininos em termos sucessivos e simultâneos de conformidade e de resistência.

No Séc. XVIII muitos homens jovens, europeus, geralmente da alta burguesia, com o objetivo de ampliar sua cultura, viajavam para outros países da Europa, consolidando sua auto-estima e superioridade através dessas viagens. Muitos deles escrevem a respeito do que foi observado em outras culturas, deixando desta maneira um traço, uma opinião. O livro de Ana Vicente, *Mulheres Portuguesas vistas por Viajantes Estrangeiros* (2001) irá nos apresentar exatamente o que o título sugere.

Primeiramente, a autora portuguesa Ana Vicente nos apresenta a concepção vigente na Europa sobre Portugal, o preconceito que se tinha de tal país e a imagem pejorativa deste, considerado desconhecido, pelo qual os viajantes europeus sentiam repulsa por sua língua ser desconhecida, a escassez de viajantes, decadência do estado, e não haver

conhecimento das artes e de políticas sensatas. Mas mesmo assim, os europeus sentiam atração pela pátria lusa, pois a conhecendo poderiam comprovar sua superioridade sobre ela.

Muitos viajantes repararam nas mulheres portuguesas, retratando atos de violência contra elas e chegando a afirmar que estas mereceriam homens melhores. Relataram que uma mulher não saía de casa em hipótese alguma e a única oportunidade de poderem se relacionar com pessoas do sexo masculino dava-se ao irem à igreja. Como se pode perceber, a mulher passa a ser objeto de desejo dos viajantes que afirmam que é o clima português o responsável por isso. Quando chegavam a quaresma ou a semana santa, chegava também a oportunidade de muita libertinagem. Inclusive, muitos viajantes falam sobre o ciúme do homem português.

Outro elemento ressaltado é a beleza das portuguesas, e o desejo de as terem cortejado, o que não ocorria devido ao medo acabarem esfaqueados na esquina.

O que se retrata aqui é o exemplo de mulheres burguesas e nobres, o livro menciona também que foi observado pelos viajantes que as camponesas, as comerciantes, as artífices e as criadas andavam em locais públicos devido à necessidade de contribuir para o sustento familiar.

Vicente retrata ainda a política da época apontada nas cartas dos viajantes. O rei D. João V provocou algumas mudanças sociais, promovendo festas e bailes que poderiam ser freqüentados por mulheres, mas os viajantes denominam o rei como hipócrita e o acusam de manter um harém no convento de Odivelas. (Vicente, 2001)

Os conventos eram, muitas vezes, locais de liberdade para as mulheres, mesmo estas não indo para lá por vontade própria, pois eram visitadas pelos “freiráticos”, ou seja, os seus amantes, mantendo contato sexual, muitos eram os viajantes que queriam ser inclusos entre eles. (Idem)

Entre 1750 e 1777, o Marquês de Pombal tinha como objetivo de renovação a construção de praças públicas para serem freqüentadas por ambos os sexos. Não pôde

realizar tal intento. Quando D. Maria I subiu ao trono, moralizou os conventos, restabeleceu as audiências régias, às quais qualquer pessoa tinha acesso e criou a primeira escola para meninas, no entanto, mulheres que quisessem estudar eram criticadas. Muitos são os autores favoráveis à educação feminina. A criação das meninas portuguesas era restrita, não sendo incentivada a aprendizagem da escrita e leitura, ou o conhecimento sobre as Artes (dança e música), inclusive entre as famílias mais abastadas. Sendo proibido às mulheres portuguesas inclusive representar no teatro (estas não podiam contracenar nos palcos lusitanos).

É realmente interessante e satisfatório ler o que os próprios viajantes escreveram a respeito das mulheres portuguesas. A maioria dos excertos faz referência ao ciúme dos homens e aos constantes crimes praticados por estes. Embora Portugal seja conhecido como um local perigoso, devido às crises de amor, muitos escritores afirmam que as mulheres portuguesas eram discretas e encontravam várias formas de se vingar de sua escravidão com o adultério.

As mulheres no Brasil.

Em 1827, no Brasil, os legisladores determinaram que se estabelecessem “escolas de primeiras letras”, as chamadas “pedagogias”, em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos do império. No entanto, a realidade se mostrava bem distantes desta imposição legal.

Havia, sim, escolas neste período que foram fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas e que eram mantidas por leigos. No entanto, o número das direcionadas aos meninos era superior ao das meninas. Vale lembrar que, naquela época, as escolas eram divididas por sexo e quem lecionava deveria ter o mesmo sexo dos alunos ou alunas. Aqueles deviam ser pessoas de moral inatacável; suas casas deviam ser ambientes decentes e saudáveis; isso porque as famílias lhes confiavam seus filhos e filhas. (Louro, 2004)

Mestres e mestras tinham apenas algumas funções semelhantes: ensinar a ler, escrever, contar, as quatro operações e a doutrina cristã. Porém, os meninos aprendiam, além destas, noções de geometria, enquanto as meninas aprendiam o bordado e a costura. Mesmo com a lei determinando salários iguais aos mestres, o fato de os homens terem conhecimento de geometria lhes garantia salários superiores, o que ocorria também em outras atividades.

Na virada do século, grupos de trabalhadores organizados em torno de ideais políticos – socialismo ou anarquismo – criaram escolas para educar as suas crianças. Os anarquistas davam atenção às questões relativas à educação feminina, tanto que nos jornais libertários eram freqüentes os artigos que citavam a instrução como “arma privilegiada de libertação” para a mulher. Havia encontros noturnos dos quais as mulheres também podiam participar, que abordavam temas como a educação e a participação feminina no movimento operário e na sociedade. (Idem) É bom lembrar que isso representou uma conquista para o sexo feminino, visto que as mulheres só deveriam freqüentar espaços públicos quando havia situações ligadas à Igreja, ou seja, eram poucas as formas de lazer das jovens.

Assim, em Portugal, as festas religiosas eram tidas como momento de grandes oportunidades, tanto para as mulheres como para os galanteadores, eram nestas ocasiões que aquelas tinham um pouco de liberdade concedida para acompanhar as procissões, podendo sair à rua, e tal momento era esperado com muita ansiedade por elas. Os homens por sua vez aproveitavam o momento para tentar namorar com as donzelas, sabendo disto os pais e irmãos redobravam os cuidados para evitar o galanteio indevido sobre as suas esposas e filhas. (Vicente, 2001)

No Brasil, um discurso que estava ganhando hegemonia era: “as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”, pois, para ser mãe e esposa exige-se que tenham sólidos e bons princípios. (Louro, 2004)

A primeira lei de instrução pública no Brasil saiu em 1827 e dizia *que as mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons ou maus; são as origens das grandes*

desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas. (Idem)

Na verdade, a mulher não tem acesso ao conhecimento para si, mas sim para aqueles que a rodeiam. Ela não nasce para o saber, mas para o prazer do marido e do filho. No pensamento de época, uma mulher instruída era melhor companheira para o marido. Enfim, a mulher servia apenas para os serviços domésticos, era excluída das questões políticas e podia ter no início apenas a instrução de nível primário. (Sonnet, 1990).

Em casa, as raparigas recebiam educação através da transmissão vinda da mãe. Algumas famílias mandavam vir de fora mestres para ensiná-las. Era comum também a hospedagem de várias raparigas em uma só casa para receberem os mestres. Já os conventos eram apenas para as meninas de famílias muito abastadas, filhas de aristocratas e burgueses bem sucedidos. O local era dividido em dormitórios, classes, um refeitório e uma enfermaria. (Idem)

Mulheres e Movimentos.

A década de 1970 marca a inserção no mundo acadêmico das pesquisas de relações de gênero. A partir de então, passa a ser perceptível e revelado que as linguagens são predominantemente masculinas, aponta-se para o fato de que o que está escrito, discursado, fotografado, filmado, e qualquer outra forma de comunicação é quase que exclusivamente masculina.

Mesmo antes disso, as mulheres já se organizavam em torno de um discurso unívoco que pregava a democracia. Há um século as mulheres buscam a participação política, econômica e cultural. No séc. XIX, as primeiras feministas *propunham a transformação de valores e normas que negavam às mulheres a capacidade de gestão de sua vida pessoal e de participação no fluxo de decisões coletivas.* (Ferreira e Bonan, 2005)

Mulheres estiveram presentes em movimentações políticas e culturais desde as lutas coloniais. Mulheres negras envolveram-se na resistência à

escravidão e em movimentos abolicionistas, trabalhadoras da cidade e do campo participaram das primeiras lutas sindicais, mulheres de distintas classes instituíram uma agenda de emancipação feminina desde o século XIX, exigindo direito ao trabalho, à propriedade e à herança, à educação, à criação artística e literária, à participação política e ao voto feminino - conquistado, finalmente, em 1932. (Idem)

O movimento feminista é um movimento sociopolítico que surgiu na primeira metade do século XIX, na Inglaterra e nos EUA. Na década de 1960, o movimento se amplia nos EUA, com reivindicações mais amplas, como o direito à liberdade sexual e à igualdade com os homens no mercado de trabalho.

O movimento feminista tem contribuído sistematicamente para tornar o Brasil um país mais democrático, superando sua origem autoritária e oligárquica. (PINTO, 2003).

A mulher brasileira, hoje, não é mais a dona-de-casa conformada e satisfeita com sua dependência econômica e submissão ao marido, ou a espera deste. Não é assim que elas se vêem de acordo com o livro *A mulher brasileira nos espaços público e privado* organizado por Venturi, Recamán e Oliveira (2004). Além disso, ela não é aquela que pensa apenas no trabalho, a maioria das brasileiras acumula o trabalho fora, remunerado, e o trabalho doméstico não pago, a contragosto suportando a experiência estafante da dupla jornada. (Ver anexo).

O livro apresenta também uma série de dados estatísticos realizados a partir das respostas das mulheres a perguntas como a primeira coisa que fariam para que a vida de todas as mulheres melhorasse, despontaram como principais respostas

O fim das discriminações no mercado de trabalho (47%), a igualdade de direitos (10%), o combate à violência contra as mulheres (9%); maior liberdade (5%), menos machismo e mais reconhecimento por parte dos homens (5%) – respostas que constituem uma pauta específica de preocupações, que a visão masculina hegemônica, vinda de outro lugar, tem dificuldade de enxergar. (Venturi, Recamán, 2004, p. 28)

A luta feminista pela Creche é uma luta por justiça e igualdade. As mulheres cobram do Estado a responsabilidade deste com os cuidados e a educação das crianças pequenas (0 a 6 anos), sendo um direito garantido para elas.

Na década de 1980, começa-se a lutar pela conscientização de que não é um dever exclusivo da mãe educar e cuidar dos filhos. Assim, o movimento deixa evidente que as mulheres não são, nem deveriam ser, as únicas responsáveis pelos cuidados com as crianças. Os homens e os governos têm o dever de compartilhar desta responsabilidade.

As creches passam a ser um local não só de cuidados para as crianças pequenas, mas principalmente adequado ao mundo da primeira infância. Um local educativo e prazeroso, onde não se desvincula o cuidar do educar. Este ambiente heterogêneo, onde não há discriminação de etnia, religião, classe ou sexo coloca as crianças em situação de igualdade.

Apesar de toda a luta feminista pela emancipação da mulher e pela igualdade na educação de meninos e meninas, na qual sejam respeitadas as diferenças, surge nos anos de 1980 um surto literário preocupado em enfatizar as diferenças entre homens e mulheres e justificar as desigualdades entre os sexos. Tais livros denominados de auto-ajuda são baseados no senso comum, sem nenhuma metodologia científica. Atualmente são tidos como *best sellers* e influenciam a opinião da população em geral.

O livro *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* De Allan e Barbara Pease (2000), almeja apresentar homens e mulheres como seres naturalmente muito distintos, descartando a possibilidade de influência cultural e social como apresentado na seguinte frase: *Recentes estudos de biologia mostram, porém, um panorama completamente novo e apontam os hormônios e o cérebro como os principais responsáveis por nossas atitudes, preferências e comportamento.* (Pease, 2000 p. 17)

No âmbito dos modelos cognitivos, é possível comprovar que as diferenças no desempenho em matemática ou na capacidade de linguagem resultam de diferenças cerebrais de cada sexo, consideradas inatas? No campo das relações e dos comportamentos infantis, podemos mesmo supor que elas necessariamente preferem as bonecas e eles os carrinhos? Elas foram feitas para brincar de roda e eles de futebol?

A perspectiva sócio-cultural permite centrarmos nosso olhar nas formas de controle do corpo infantil, um processo social e culturalmente determinado, permeado por formas sutis, muitas vezes não percebidas por nós. Poderíamos então dizer que as características tidas como naturalmente masculinas ou femininas pela tradição resultam de esforços diversos para

distinguir corpos, comportamentos e habilidades de meninas e meninos.
(Vianna e Finco, 2006)

Pesquisadoras e pesquisadores como Carmen Soares (2002), Alfredo Veiga-Neto (1996) e Tarcísio Mauro Vago (2002), nos ajudam a pensar no corpo como um lugar de inscrição da cultura, nos dizeres de Carmen Soares e Andrés Zarakin (2004:25), um lugar que revela toda a “dinâmica de elaboração de códigos, técnicas, pedagogias, arquiteturas e instrumentos desenvolvidos para submetê-lo a normas”.

Nos próximos capítulos, analisarei alguns desses livros, super vendidos nacionalmente e internacionalmente, no que diz respeito às diferenças sexuais nos quais as características femininas são quase sempre depreciativas em relação às masculinas. Obras que ensinam a educar diferentemente meninos de meninas, além de outros assuntos como, por exemplo, a crítica a creches e pré-escolas, e a campanha pelo retorno da mulher ao lar, incumbida da criação das crianças pequenas. A partir da leitura destes livros tão aceitos pela população em geral, já que são os mais vendidos em todo o mundo, constato que ainda é necessária muita luta para combater as desigualdades entre os sexos.

Capítulo II

Educando adultos: os livros vendidos em massa

Livros que ensinam a ensinar se discute.

Livros de auto-ajuda possuem como objetivo principal apresentar para (a),(o)s leitor(a),(e)s uma maneira destes se ensinarem a ser economicamente, emocionalmente e intelectualmente maduros, independentes, equilibrados, felizes, etc. A maioria dos livros possui um processo psicológico e/ou espiritual. Estes procuram introduzir auto-confiança nos e nas leitoras. Tais livros possuem, hoje, um papel significativo de formação cultural e social, principalmente se levar-se em consideração o número de exemplares vendidos.

No Brasil, a publicação do gênero começou ainda nos anos 10. Depois, nos 40, aconteceu sua popularização, com o lançamento das obras de Napoleon Hill e Dale Carnegie. A expansão nas vendas só se deu, porém, a partir da era JK. Desde então, Joseph Murphy, Mandino e Carnegie venderam juntos cerca de cinco milhões de exemplares. Na últimas décadas, surgiram inclusive autores nacionais. Lauro Trevisan, sozinho, vendeu cerca de um milhão e meio de livros, já tendo publicado mais de vinte títulos, desde que começou sua carreira, em 1980. Recentemente, Lair Ribeiro, cirurgião-escritor, parece ter tomado o mesmo caminho, redigindo uma série de manuais de auto-ajuda que, em cerca de cinco anos, passaram do um milhão e meio de exemplares vendidos. (Rüdiger, 1996)

Com base nas leituras que fiz de livros de auto-ajuda, percebo que estes são produções de pessoas de destaque na sua área, as quais possuem representatividade em seu campo de atuação. O objetivo, a priori, seria o de ensinar a pessoa a utilizar mecanismos psicológicos de auto-ensino, como se esta pudesse se auto-ensinar a se ajudar, independentemente do problema em que se encontra, através de práticas que consistem na descoberta e empreendimento de recursos interiores para se auto-transformar atingindo um objetivo individual. (Rüdiger, 1996) Comumente, os livros são escritos por psicólogos e os temas variam da busca da felicidade, o sucesso profissional e econômico, a melhoria no relacionamento humano, dentre outros. O fundamento primordial para esta literatura é a crença no fato do ser humano possuir em si um poder transformador, o qual o indivíduo é capaz de direcionar.

A literatura de auto-ajuda constitui uma das mediações através das quais as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade. O movimento dessa última desintegrou as representações coletivas e simbolismos comuns que recomendavam a salvação do eu por meio da fusão dos propósitos pessoais com os propósitos da comunidade. O resultado desse processo foi a criação de uma sociedade de indivíduos livres, mas, também, de um conjunto de problemas pessoais que tornou profundamente problemática essa liberdade. (idem)

Nos campos da educação assim como nos dos negócios, a psicologia desempenha um papel importante na escrita dos livros de auto-ajuda. A área de educação também é alvo destes livros, que não são restritos apenas a pais e mães que procuram ajuda de como educar seus filhos de acordo com seus ideais, mas também destinados a profissionais da pedagogia.

Melissa Asbahr em sua dissertação investigou os livros de auto-ajuda para crianças pequenas. Em seu trabalho, a autora pesquisou o perfil das professoras leitoras destas obras e concluiu que muitas recorrem a este tipo de literatura em busca de uma *alternativa à solidão, ora para adquirir conhecimento, ora como ferramenta profissional ou ainda para enfrentar doenças, com propósitos terapêuticos.* (Asbahr, 2005, p. 100). Tais livros possuem uma leitura de fácil compreensão. Asbahr conclui que *é importante salientar que um número considerável de livros de auto-ajuda apresenta-se na forma como seu texto é organizado, numa narrativa que se assemelha a uma conversa entre autor e leitor, em que o primeiro aconselha ao segundo.* (idem).

Os livros de auto ajuda selecionados para análise, neste trabalho, são os que se referem às relações de gênero e educação sexista. Estes procuram expor as diferenças entre homens e mulheres, baseando-se no determinismo biológico, justificando os papéis sociais diferenciados, ou seja, legitimando as desigualdades sexuais, desta forma os autores de auto-ajuda sexistas promovem os padrões sociais de ser mulher, favorecendo o conformismo e a aceitação da posição em que a mulher se encontra e não o oposto.

Os estereótipos femininos são citados em todos os livros analisados neste trabalho. A mulher, segundo tais livros, possui as características de cuidadora nata, capaz de se relacionar mais eficazmente com outros indivíduos como: o marido, os filhos, a empregada,

ela é sempre a mais responsável para administrar ambientes domésticos, é passiva, etc. Desta maneira os livros de auto-ajuda defendem a família nuclear e patriarcal.

Considerando que esta condição é padrão para as mulheres, os livros de auto-ajuda desestimulam-nas a enfrentar o homem, pois este é apresentado como um ser tão ferozmente diferente da mulher, que o enfrentamento não teria resultado, sendo assim, os livros estimulam a mulher a enquadrar-se em estereótipos.

No capítulo *Algumas coisas são óbvias* do livro *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* De Allan e Barbara Pease (2000), os autores apresentam um extenso texto com os estereótipos masculinos e femininos como se estes estivessem presentes em todos os indivíduos:

Quando um homem vai ao banheiro, geralmente faz isso por uma razão específica. As mulheres usam o banheiro como espaço para reuniões sociais e sala de terapia. Podem entrar como estranhas e sair como amigas de infância. No entanto, se um homem disser: "Ei, cara, vou ao banheiro, quer ir comigo?", logo vai provocar suspeitas.

Homens tomam posse do controle remoto e ficam passando de um canal para outro. Mulheres não se importam de assistir aos comerciais. Sob pressão, os homens bebem e começam guerras. As mulheres comem chocolate e vão fazer compras.

As mulheres criticam os homens por seu descaso, sua insensibilidade, porque não sabem ouvir, não são gentis e compreensivos, não conversam nem demonstram carinho, não levam a sério os relacionamentos, querem fazer sexo em vez de fazer amor e deixam o tampo do vaso levantado. Os homens criticam as mulheres por dirigirem mal, não serem capazes de entender os mapas das ruas (que quase sempre viram de cabeça para baixo), porque não têm senso de direção, falam demais sem chegar ao ponto principal, não tomam iniciativa no sexo e deixam o tampo do vaso abaixado.

Os homens nunca conseguem encontrar nada, mas seus CDs estão sempre arrumados em ordem alfabética. As mulheres são capazes de achar as chaves do carro que estavam perdidas, mas é muito difícil conseguirem chegar a um lugar pelo caminho mais lógico. Os homens acham que são o sexo mais prático. As mulheres *sabem* que são elas.

Quantos homens são necessários para trocar um rolo de papel higiênico? Não se sabe, isso nunca aconteceu.

Os homens ficam maravilhados com a capacidade que as mulheres têm de entrar em um ambiente repleto de gente e fazer instantaneamente um comentário sobre cada pessoa que lá se encontra. Elas não entendem como eles podem ser tão pouco observadores. Os homens se espantam de ver que uma mulher não consegue enxergar a luzinha vermelha do óleo piscando no painel do carro, mas é capaz de detectar uma meia suja em um canto escuro a 50 metros de distância. As mulheres se admiram como um homem, que estaciona o carro em uma vaga apertada só olhando pelo retrovisor, não sabe onde fica o ponto G.

Se uma mulher está dirigindo e se perde, pára e pergunta. Para o homem, isso é sinal de fraqueza. Ele roda em círculos por horas, resmungando coisas como "descobri um outro caminho que vai dar lá" ou "estamos chegando" ou ainda "estou reconhecendo aquele posto de gasolina!". (Pease, 2000 p. 14 e 15)

Os livros expostos no presente trabalho pregam que por existirem essas distinções entre os sexos, meninos e meninas devem ser educados de forma diferenciada. Raramente os livros apresentam os processos de feminilização e masculinização dos corpos das crianças desde a mais tenra idade. Este processo é responsável por estimular o menino a se defender e a menina a aceitar as situações com as quais se depara (Finco, 2007). Desta forma, a educação não só é diferenciada como também desigual.

Estatística

Todos os livros de auto-ajuda analisados neste trabalho, assim como todos os outros que conheço de maneira direta ou indireta, são baseados no senso comum, além disso, os argumentos são fundamentados nas experiências pessoais dos autores, porém a maioria destes livros recorre em algumas passagens a dados estatísticos para comprovar suas teses. As fontes de pesquisas estatísticas, entretanto não são citadas. E por que isto ocorre? Por que os livros de auto-ajuda apóiam-se e incluem estatísticas, mesmo sem a fonte destas? Este é o recurso utilizado por tais livros para deixar os leitores e as leitoras que desconhecem os procedimentos das pesquisas estatísticas com a impressão de que os resultados inferidos extrapolam a experiência pessoal do autor e das pessoas que o rodeiam, fazendo assim, com que o livro ganhe maior importância.

O uso de estatística em livros de auto-ajuda se manifesta sobre o termo **média**. Para expor as características femininas e masculinas nesses livros os autores utilizam dados que apontam que aquela determinada característica pertence à **média**. Para o leitor ou leitora comum, o tal termo é sinônimo de maioria, o que o leva a acreditar que a maior parte das pessoas possui as características citadas no livro, que o maior montante das mulheres se insere nos estereótipos, as que não se enquadram representam uma exceção. Este é um grande engano, pois sem dados concretos não podemos concluir que há apenas um indivíduo que se encaixa na média. Para que tal idéia fique clara apresentarei alguns conceitos e noções básicas de estatística.

Estatística é uma ciência matemática que tenta inferir resultados de uma população a partir de um subconjunto desta, a amostra. A palavra estatística representa uma coleção de dados numéricos e também o ramo da matemática que analisa dados estatísticos. As técnicas estatísticas, associadas a programas adequados de computação, constituem valiosos instrumentos. O termo população se refere a todos os indivíduos ou a todos os objetos do grupo em que estamos interessados. Uma amostra é um conjunto de elementos extraídos da população. (Downing e Clark, 1998).

Entretanto estudar amostras no lugar de população pode não representar a realidade, já que esta pode ser uma amostra que não represente bem o todo, serão feitas assim, predições inexatas ao tentar-se estimar as características da população com base na amostra, este risco não ocorreria se estudássemos o todo. Porém estudar a população inteira exigiria um custo excessivo.

Média.

Minha orientadora comentou comigo que ouvia antigamente as pessoas dizerem que a maioria das pessoas do mundo passa fome, e que o questionamento feito perante esta fala era o seguinte: porque é a maioria, podemos dizer que é normal?

Por que estou apresentando conceitos estatísticos no decorrer do meu trabalho? Estou demonstrando estes conceitos porque durante o percurso da minha pesquisa notei que os livros de auto-ajuda utilizam-se de alguns “truques” para convencer o leitor ou a leitora a aceitar suas teorias. Os e as autoras dos livros que li no decorrer deste trabalho costumam justificar suas idéias utilizando termos da estatística procurando desta maneira maior credibilidade. Os livros tentam convencer o e a leitora de que as diferenças entre homens e mulheres são natas e presente na maioria da população. Para isso os livros utilizam os termos “normalmente”, “majoritariamente”, “predominantemente”, “geralmente”, etc.

Biddulph (2002) em seu livro de auto-ajuda mais vendido, *Criando Meninos*, faz afirmativas sem fundamentos em dados estatísticos ou qualitativos. Muitas vezes o autor não emprega o termo média ou outras palavras que surtem o mesmo efeito, apontando apenas uma característica que induz o e a leitora a entender que todos os meninos possuem essa característica, como por exemplo:

Garotos se metem em confusão para chamar a atenção. Pesquisei em escolas do mundo todo, e a resposta sempre foi uma equação comprovada: menino com falta de pai é igual a problema de disciplina na escola. Os meninos carentes de pai inconscientemente querem um homem que se envolva e resolva os problemas de sua vida, mas não sabem pedir. As meninas *pedem* ajuda, mas os meninos geralmente *agem* para pedir ajuda. (Biddulph, 2002, p. 133) (grifos do autor)

O autor também utiliza o termo geralmente, produzindo o sentimento no ou na leitora de que esta é uma característica padrão, que está dentro da normalidade. Entretanto, pesquisas científicas não empregam termos subjetivos. Para isso pesquisei os termos corretos utilizados nas pesquisas estatísticas.

O livro de Allan e Bárbara Pease, *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* Procura explicar para os e as leitoras o conceito de média, entretanto incorre no erro comum de parear média com maioria:

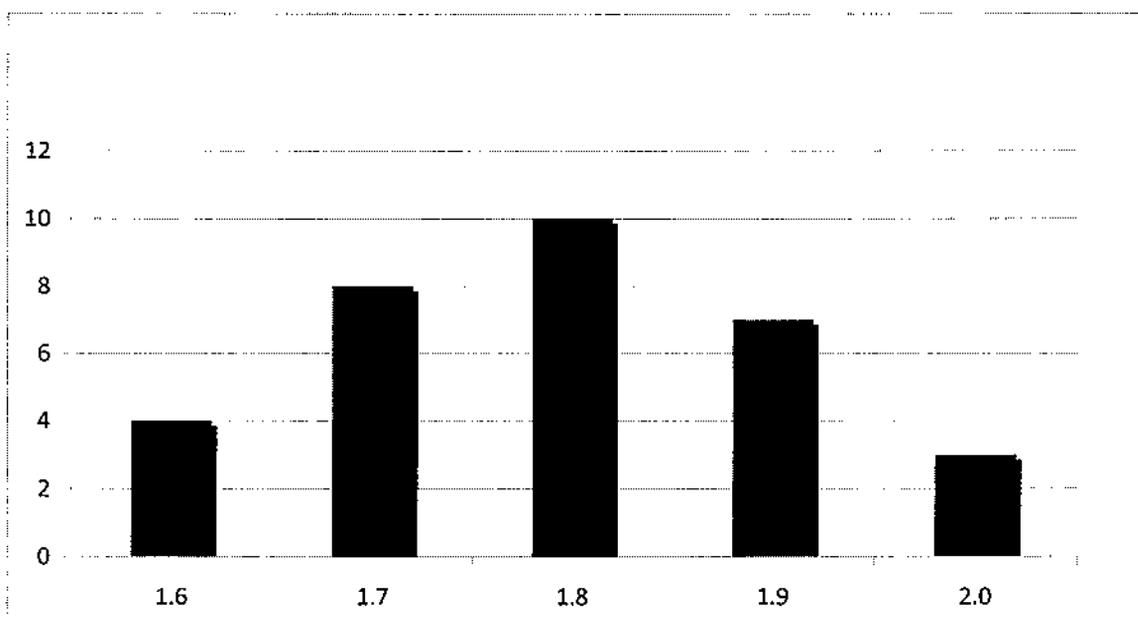
Ao examinar as diferenças entre os sexos discutidas neste livro, algumas pessoas podem dizer: "Eu não sou assim", "Eu não faço isso". É claro que há muitas exceções, mas aqui estamos falando sobre a *média*, quer dizer, como a maioria dos homens e mulheres agem a maior parte do tempo em quase todas as situações. (Pease, 2000 p. 19)

Após definir a amostra, podemos calcular a média desta. Supondo que há n elementos na amostra, a media é a soma desses n dados divididos por n . Essa definição não implica que existe um só dado da amostra com o mesmo valor da média. (Downing e Clark, 1998).

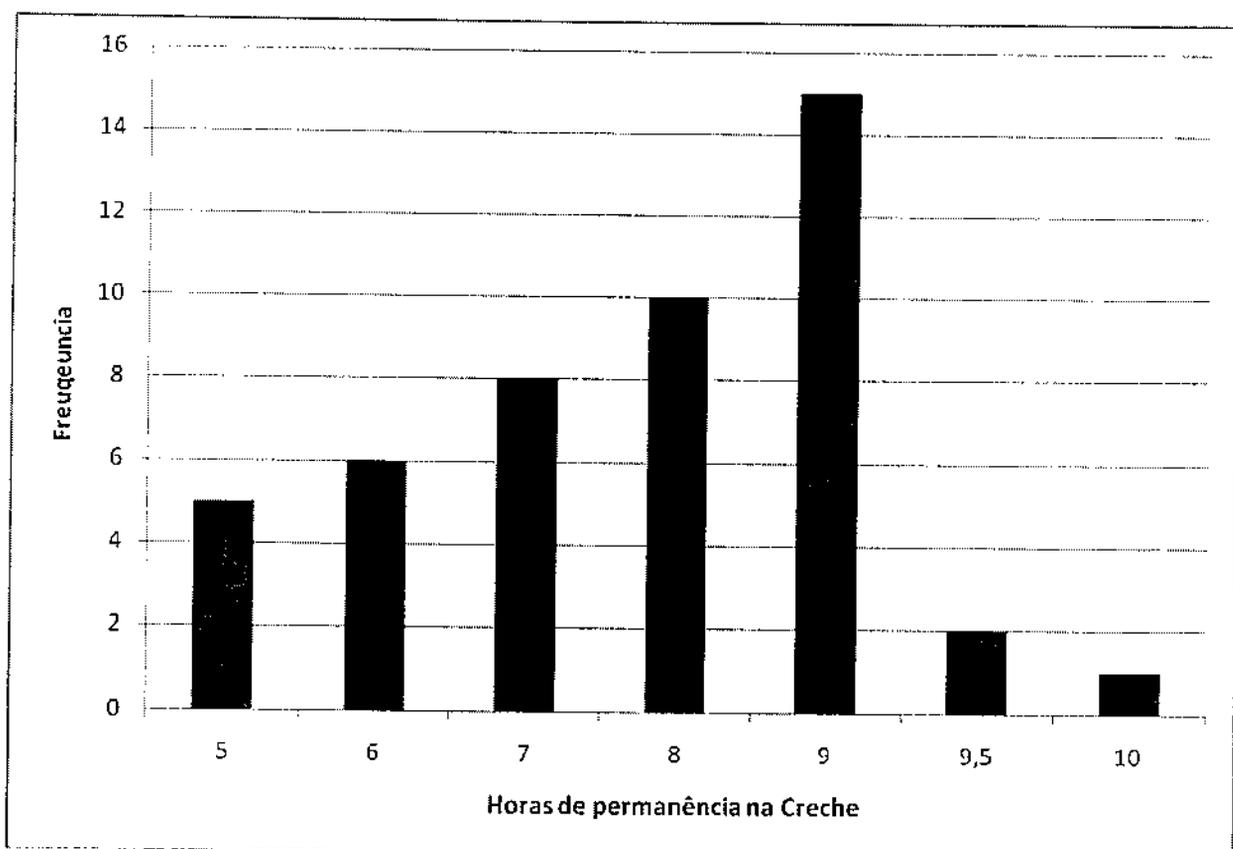
Tomemos um exemplo para poder esclarecer o conceito: suponha uma amostra de alturas de homens, que consiste de apenas dois dados, dois homens são a nossa amostra. A altura do primeiro indivíduo é de 1.80cm e a do segundo é de 1.60cm. A média dessa amostra é calculada da seguinte forma: $\frac{1.60 + 1.80}{2} = 1.70$. Então, a média de altura dos homens é 1,70 cm, e é claro que não há nenhum indivíduo na amostra com tal altura.

Histograma

Um histograma ou diagrama de frequência é uma forma de representar os dados de uma amostra. Para ilustrar retomemos o exemplo da amostragem de alturas de homens adultos, porém, agora, com uma amostra maior. Contamos o número de pessoas com cada altura (números na vertical), e a altura de cada homem (números na horizontal). Ou seja, dez homens possuem 1,80cm. São minoria se comparados a todos os homens da amostra.



Para ilustrar como a média não é um fator determinante, vou apresentar outra amostra e um histograma muito distinto do que inventei anteriormente. Dada uma amostra, hipotética, designei o período de permanência de uma criança na creche. Supondo que o máximo de permanência é de 10 horas e o mínimo é 5 horas, é fácil observar que a maioria das crianças vão embora após 9 horas de permanência, entretanto a média desta amostra é 7,68 horas apesar de haver uma representação escassa de crianças que permaneçam exatamente este período na Creche. O desvio padrão é de 1.52 horas .



Para entendermos a média.

Para que os dados estatísticos tenham alguma validade, é necessário apresentar outras informações da pesquisa que os livros de auto-ajuda não apresentam.

Uma forma sucinta de diferenciar o Histograma 1 do 2 é pelo desvio padrão. O desvio padrão é um número que incorpora as distâncias dos dados da amostra da própria média desta. (Downing e Clark, 1998). Este número indica que os dados da amostra 1 estão mais próximos da média do que na amostra 2. Toda a pesquisa que se propõe a fornecer dados estatísticos deve apresentar o desvio padrão, para que os leitores e as leitoras percebam quão representativa é a média, ou seja, quantas pessoas realmente estão próximas à média. Os livros de auto-ajuda, ao deixarem de fornecer tal informação, passam a impressão para grande parte dos e das leitoras de que a média é a normalidade, é a maioria.

A própria escolha de espaços amostrais carrega um erro implícito. Todo resultado de pesquisa de uma amostra possui uma margem de erro, já que não se estuda a população

inteira. Por exemplo, ao se executar uma pesquisa de boca de uma, dependendo da localidade, classe social, idade, entre outros fatores, há um erro decorrente da escolha dos entrevistados. Utilizando-se das respostas dos entrevistados faz-se uma média e a partir dela estipula-se a média para a população inteira. Mas claro, com uma certa margem de erro. Para isso faz-se um cálculo apresentando que há alguns pontos de erro para mais ou para menos em relação ao resultado final da média.

Capítulo III

Por uma educação não-sexista.

Relações de Gênero

Como já foi exposto no primeiro capítulo deste trabalho, o estudo da história das mulheres deve ser objeto de análise crítica, levantando as paridades entre as épocas passadas e a atualidade. A luta feminista possui grande representatividade, atualmente, e expõe o sexismo inerente na sociedade. Os mitos de muitas das diferenças sexuais que procuram justificar as desigualdades passam a ser questionados pelas estudiosas feministas. O ambiente educacional como a creche ou a pré-escola possui o poder de reafirmar este pensamento comum ou transformá-lo. Minha hipótese é a de que as professoras da educação infantil que reconhecem a história das mulheres e atentam as condições sexistas atuais transmitem às crianças um pensamento crítico e questionador da realidade.

A história das mulheres, como objeto de estudo, acopla as lutas e as conquistas feministas, necessitando assim de um novo termo para tratar das relações sociais entre os sexos. Observamos assim que há trajeto da política para a história específica e daí para a análise. *Aprender a dimensão da construção social do gênero através da história e nas diferentes culturas implica analisar as hierarquias e as relações de poder, questionando conceitos tratados como universais.* (Scott, 1992).

O termo gênero passa a ser utilizado pelas feministas dos EUA e da Inglaterra, a partir da década de 80, com base nas teorias feministas dos anos 40 e do novo feminismo dos anos 60 (Sartori, 2004), quando não se tratava do sexo biológico, mas das relações de opressão entre homens e mulheres. A palavra sexo é insuficiente para explicar os papéis sociais, entretanto gênero abrange de uma maneira mais literal *a organização social da relação entre os sexos.* (Scott, 1990). A palavra gênero surge nas ciências sociais com o objetivo de questionar a existência de uma hierarquia inata entre homens e mulheres, que mulheres são passivas, emocionais e frágeis; que homens são ativos, racionais e fortes. Neste capítulo, exporei os meios pelos quais a sociedade afirma os conceitos sexistas e impõe padrões de comportamentos e cultura para as crianças desde muito novas.

A década de 60 é marcada por protestos contra a discriminação e a opressão das mulheres, é neste contexto que o psicólogo Robert Stoller, nos Estados Unidos, passa a distinguir sexo de gênero, afirmando que a identidade e o comportamento provêm das experiências e dos costumes que são atribuídos ao gênero. Desta maneira, pode-se entender sexo como parte da biologia e da anatomia, já o gênero estarialigado aos aspectos psicológicos, sociais e culturais. (Sartori, 2004). O assunto extrapola da ação política para a ciência. A luta pela transformação surge também em livros, jornais e no meio acadêmico, procurando distinguir o que é biológico e o que é cultural. (Louro, 1997; Gobbi, 1999).

O gênero não implica em sexo, sexualidade ou na diferença biológica que há entre homens e mulheres, mas sim nas construções sociais. Passa-se a questionar os papéis atribuídos aos indivíduos de acordo com o sexo e as idéias preconcebidas que, a partir deste campo de estudo constatamos ser puramente sociais. O termo é importante para que se sejam distinguidas as práticas sexuais das condições do ser humano de acordo com seu sexo. Desta forma, apesar de gênero poder incluir o sexo ele não está determinado por este, assim como não determina a sexualidade. O uso do gênero refere-se à dominação ideológica que implicam as relações entre os sexos. (Scott, 1992)

O fato de existirem gêneros, significa que atuamos em uma sociedade em que a distribuição de responsabilidades é desigual. Essas responsabilidades não são escolhidas pelos indivíduos, respeitando o livre arbítrio, elas são baseadas em critérios sexistas, classistas e racistas. A construção da mulher como ser humano subordinado foi-se naturalizando no decorrer da história, tornando-se característica inquestionável, já que é pensado como natural. A educação recebida desde muito cedo, dada pela sociedade às crianças, os processos de socialização no decorrer de suas vidas reforçam os preconceitos e estereótipos dos gêneros, buscando apoio no determinismo biológico. A diferença biológica torna-se, assim, pressuposto para a desigualdade social.

Os estudos sobre gênero devem apontar para a necessidade da rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária "masculino versus feminino" e a importância de sua historicização e "desconstrução" nos termos de Jacques Derrida - revertendo-se e deslocando-se a construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvia ou como estando na natureza das coisas (Scott, 1994, 16)

Este estudo não se propõe a expor e analisar as distintas diferenças biológicas entre homens e mulheres, ou entre meninos e meninas pequenas. As diferenças físicas existem, e são inquestionáveis. Porém quantas outras características, ditas imutáveis, são inatas, provindas da biologia feminina ou masculina? Quantas dessas características biológicas são superadas e transformadas pela sociedade e pela cultura? O presente estudo pretende explorar a forma como as características físicas, ou seja, as diferenças entre homens e mulheres se tornam desigualdades. E como estas são reforçadas pela sociedade, colocando um sexo como mais forte que o outro.

Joan Scott apresenta, ainda, o estudo de gênero como uma categoria fundamental de análise histórica na qual *gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. É uma forma primária de dar significado às relações de poder (Scott, 1990).*

Azul de menino, rosa de menina.

Quando um adulto inicia o tratamento e a educação diferenciada de acordo com o sexo de cada criança? Quando a criança adquire a fala, quando ela passa a assistir televisão, quando entra na pré-escola?

Quando a mulher engravidou, o que primeiro se perguntou foi: qual o sexo do bebê, pois só depois desta confirmação poder-se-ia comprar roupinhas, brinquedos, decorar o quarto e começar a dar apelidos carinhosos acariciando a barriga, como “minha princesinha” ou “meu filhão”, só então poderá dizer: “será bailarina” ou “vai ser jogador de futebol”, assim que o feto chutar. Afirmo, por conseguinte que a diferenciação é feita antes mesmo do nascimento.

De acordo com Elaine Romero (1995):

Antes mesmo de nascer, meninos e meninas têm suas vias delineadas com base nas expectativas de seus pais, expectativas estas que variam de um sexo para o outro. O bebê vai aprender a ser homem ou mulher, construindo um corpo masculino ou feminino, segundo seu aprendizado social. Se nascer homem, seu

quarto será decorado com enfeites de cor azul, e se nascer mulher, naturalmente da cor rosa. Os primeiros presentes serão sempre distinguidos por essas cores, assim como os brinquedos próprios para um sexo e outro (p. 52)

O bebê constrói, portanto, um corpo, mas não um corpo assexuado, constrói um corpo masculino ou feminino. Ao nascer, a criança já terá uma direcionalidade de sua educação. Os pais já têm mentalmente delineado o modelo de educação para o menino e para a menina. A criança deverá de qualquer modo adaptar-se a esse modelo. (Romero apud Kaysel, 2006, p.52)

Ouvi, recentemente, de uma colega, a reprodução do que comumente é dito a mulheres grávidas: a barriga que espera menino fica pontuda e bonita, a barriga que espera menina fica redonda e mais caída. Que mulheres grávidas de menina sentem muito enjôo, as de menino não. Encerrando esta lição a outras colegas concluiu: “Homem é sempre melhor, ajuda a mulher até mesmo antes de nascer” (SIC). Obviamente, Isso não passa de um desses folclores que resistem por gerações. A forma da barriga condiz apenas com a posição em que o bebê se encontra no útero, e pode se alterar por diversas vezes durante os nove meses de gravidez. Entretanto, a forma como minha colega encerrou a fala reproduz, de fato, uma sociedade sexista na qual as desigualdades apóiam-se em supostas diferenças.

Estão em moda, atualmente, livros, artigos e pesquisas a respeito das diferenças no comportamento entre meninos e meninas desde a mais tenra infância. Este capítulo tem o objetivo de apontar que muitas dessas diferenças são construídas e colocadas como meio para uma educação preconceituosa em que há distinção entre o menino e a menina. Esta pesquisa pretende apontar a profissional de creche e pré-escola como pesquisadora que pauta suas práticas nos saberes científicos, desta forma, o material produzido possui caráter de formação docente. Entretanto apresento a importância dos livros baseados em senso comum para reafirmar conceitos sociais sexistas influenciando grande parcela da população preocupada em educar da melhor maneira seus, e atingindo, até mesmo, os profissionais da educação.

Como fazer uma menina.

Muitos dos *best-sellers* mais vendidos do mundo são os livros de auto-ajuda. Ultimamente, pode-se observar que uma grande parcela destes se propõe a expor as diferenças entre homens e mulheres, e pelo grande número de exemplares vendidos podemos constatar que o assunto está na moda.

O livro da psicóloga alemã Gisela Preuschoff, *Criando Meninas* preocupa-se em orientar pais e mães em como educar suas filhas de maneira específica, apenas pelo fato de nascerem com o sexo feminino e não masculino. O prefácio do livro procura esclarecer o conceito de gênero e afirma que o objetivo é expor como este é construído em cada indivíduo na sociedade, as discussões de gênero somente aparecem no prefácio do livro. A autora afirma, ainda, que há grande expectativa dos pais e mães quanto ao sexo do bebê que está por nascer, e que o sentimento de acordo com o resultado do exame pré-natal que indica o sexo é diferente em cada sociedade, algumas valorizando mais o menino, como na China onde só é permitido um filho por casal. Em outras sociedades, as meninas é que são valorizadas, como na Europa, onde se espera que esta seja mais cuidadosa com os pais quando estes forem idosos. (Preuschoff, 2004 p.5).

É possível observar que o objetivo da autora é expor que o sexo é relativo e possui papel significativo na sociedade, porém não existe um consenso de valorização de um perante o outro, variando de acordo com o local em que se vive.

Apesar de o livro, inicialmente, se propor a explicar brevemente o significado de gênero, e da autora chamar a atenção, em seu prefácio, dizendo que grande parte das diferenças entre os sexos é socialmente construída, o rumo do texto muda desde o primeiro capítulo. É fácil perceber que frases sexistas começam a aparecer, como em exemplos de características estereotipadas femininas e masculinas que marcam a composição do texto de Preuschoff como: *Nem sempre as meninas são calmas, carinhosas e comportadinhas, assim como os meninos não são automaticamente agitados, agressivos e inteligentes.* (Preuschoff, 2004 p. 10).

O trecho acima marca um pensamento comum de comportamento almejado em meninas e meninos. A autora escreve *nem sempre*, utilizando-se, assim, de um recurso lingüístico em que há a intuição de expor que as características citadas, segundo ela, são predominantes em cada sexo, mas que, porém, há exceções. Apesar de logicamente a frase estar correta, pois é fato que as características variam, o leitor ou a leitora tem a sensação de que as características: calma, carinhosa e comportada são regras do universo feminino, porém sua filha pode ser exceção.

Recorrendo sempre à biologia, porém sem nunca expor de onde os dados são retirados, ou qual a fonte de sua argumentação, Preuschoff procura fundamentar a diferença entre os sexos, e reafirma o que já é marca no senso comum.

As características biológicas trazidas por diferentes autores em livros de auto-ajuda (Biddulph, 2000, 2005; Preuschoff, 2004; Pease, 2000), que exploram as diferenças dos sexos, quase sempre inferiorizam a mulher em relação ao homem. Por exemplo, mulheres dominam a linguagem de maneira mais eficaz que o homem, essa teoria fundamenta a opinião de senso comum de que as mulheres são fofoqueiras. Preuschoff afirma que bebês do sexo feminino tiram a fralda primeiro o que justificaria outra característica, a de que as mulheres são mais preocupadas com a higiene.

As tendências biológicas são colocadas pelo livro *Criando Meninas* como determinantes no decorrer da vida, entretanto a autora é sutil e cuidadosa, lembrando sempre que os pais e as mães possuem preocupações diferentes de acordo com o sexo da criança o que, para ela, pode significar mudança na educação de um menino e de uma menina. Preuschoff apresenta tantas diferenças entre meninos e meninas, ainda bebês, que se pode pensar que estes são de espécies diferentes.

Por quase todo o livro, a autora fornece dicas que auxiliam na educação e cuidados com filhas. Apesar de a autora referir-se sempre à menina, essas dicas podem ser utilizadas para se educar qualquer criança, menina ou menino, como, por exemplo, Preuschoff ao indicar que os pais e mães devem doar amor incondicional às meninas, favorecer atividades que apresentem desafios, não expô-las à televisão continuamente, fornecer brinquedos não tóxicos, de preferência de origem natural, etc. Também a autora diz que pais e mães demandam mais cuidado com meninas, consolando-as mais e fazendo mais por elas, o que pode torná-las mais indefesas, além de adquirirem atitudes de quem não é capaz.

Apesar das dicas e das afirmações básicas que cabem positivamente na educação tanto de meninas quanto de meninos, e das menções no decorrer do livro ao fato de que meninas não devem ser educadas como frágeis e que mulheres necessitam de curso de auto defesa (Preuschoff, 2004 p. 46), a autora defende a idéia de que meninos e meninas possuem comportamentos diferentes desde o nascimento.

Pesquisas atuais da pedagogia, entretanto, apontam que pré-escolas onde não há segmentação de crianças em grupos, de acordo com seus sexos, e a prática das professoras favorece a brincadeira coletiva de meninos e meninas sem restrições de brinquedos, onde meninos e meninas se misturam e brincam com brinquedos indiscriminadamente, comprovando assim que as preferências e os agrupamentos, de acordo com o sexo, são culturais e provindas de uma visão adulta que é imposta às crianças pequenas (Marques, 2004). As brincadeiras são feitas de acordo com interesses e a curiosidade das crianças independentemente das fronteiras estabelecidas para cada sexo. (Finco, 2004)

De acordo com essa suposta diferença nata entre meninos e meninas, Preuschoff enumera uma série de indicações de brinquedos adequados à menina segundo a sua faixa etária: a lista destinada a crianças de até 3 anos de idade possui brinquedos neutros, ou seja, os que não são estereotipados nem femininos como utensílios domésticos, bonecas e bebês, e nem masculinos como carrinhos, bola e arsenais de guerra. Porém a partir dos três anos a autora recomenda:

- Acessórios para cenários, como casinhas de boneca, fazendas ou castelos de brinquedos;
- Tesoura de ponta arredondada;
- Caixa de aquarelas, cola;
- Fogão de brinquedo;
- Maleta de médico. (Idem, p. 58)

Preuschoff afirma que meninos não brincam de boneca porque percebem que nunca poderão amamentar os bebês. A autora afirma isto ao relatar uma experiência pessoal com os seus filhos que jogaram o bebê no chão ao perceberem tal fato. Ao discriminar os brinquedos, como a autora sugere, e ao acusar a sociedade de diferenciar o tratamento das meninas e dos meninos desde muito pequenos, como ela pode afirmar que meninas e meninos possuem comportamentos natos diferentes um do outro?

Sayão (2003) descreve uma situação vivenciada no estágio do curso de Pedagogia em uma creche pública, na qual as professoras disponibilizaram para a turma do Maternal I um baú com fantasias. Um dos meninos optou por vestir um vestido de noiva juntamente com o véu, sapato alto cor-de-rosa e empurrando um carrinho de bonecas. Uma auxiliar comentou com a estagiária que desde pequenininho o menino gostava de coisas de menina

e indagava: *Será que vai ser gay?* Quando a mãe do garoto chega para buscá-lo e observa o menino com bonecas ela o reprime dizendo que não é brinquedo de menino.

A situação acima descrita consumiu um tempo considerável de debate entre o grupo de estagiárias e o pessoal da creche. Boa parte das colocações feitas enquadrava-se em visões preconceituosas, estereotipadas e deterministas a respeito do gênero. Pensava-se, de fato, na existência de um “problema” que precisava ser tratado. As crianças maiores chamavam Dudu de “bicha”, alguns adultos suspeitavam de sua orientação sexual e afirmavam não saber o que deveria ser feito, por que talvez ele já tivesse nascido assim, expressando a já superada concepção da “biologia como destino”. A posição da mãe, bastante firme no impedimento do tipo de brinquedo que seria permitido para Dudu, que precisava ser problematizada. Como isso seria possível? Como argumentar que o fato de um menino vestir-se de noiva e empurrar um carrinho de bonecas não era determinante de sua orientação sexual ou se sua identidade de gênero? (Sayão, 2003, p. 75)

O vídeo “Boneca na Mochila” (1995), produzido pelo ECOS (Estudo e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana) apresenta uma mãe preocupada com o telefonema da escola que diz que seu filho foi pego brincando com boneca. A mãe vai de táxi até a escola e, no caminho, escuta um programa de rádio que fala a respeito de meninos e meninas que possuem curiosidade sexual e, posteriormente, meninos que apresentam comportamentos estereotipados femininos. Vários especialistas discursam a respeito dessas crianças que Finco (2003) denomina como transgressoras. Dr. Ronaldo Pamplona da Costa é psiquiatra e afirma durante o filme que *olhos de adulto não vêem que um menino com boneca pode estar treinando para ser pai*. Também no mesmo filme, o psicólogo Luiz Amadeu Bragante afirma que *para as crianças tanto faz boneca ou carrinho, o importante é brincar*. (1995).

A imaginação é sempre um processo experimental. As brincadeiras imaginosas são uma atividade de grande importância para o desenvolvimento infantil, constituem uma atividade com a qual a criança testa a forma do futuro. Essas atividades imaginativas dão à criança confiança e liberdade no seu ambiente futuro. (Faria, 2004, p. 41)

Os brinquedos infantis são geralmente diferenciados para meninos e para meninas, apesar de existirem os brinquedos neutros, como quebra-cabeças, blocos de encaixar, instrumentos musicais. Os brinquedos das meninas são comumente miniaturas que imitam os utensílios caseiros, bolsas de enfermagem, eletrodomésticos, carrinhos de bebês e infinitas bonecas. Totalmente divergente dos brinquedos dos meninos que variam entre meios de

transporte, utensílios de guerra, de cow-boy, ou de metralhadoras, armas brancas, arco e flecha, todo tipo de militarismo. E assim instituem-se brinquedos “certos” e brinquedos “errados”. (Finco, 2003).

A professora que fornece todo tipo de brinquedos para as crianças e organiza sua prática desta forma, favorece o contato indiscriminado das crianças com todos os papéis, não determinando comportamentos específicos de meninos e meninas. A prática contrária da professora favorece o sexismo e faz com que as crianças se organizem em grupos distintos de meninos e meninas. (idem)

Ainda neste mesmo capítulo, em que Preuschoff sugere brinquedos para as meninas, a autora questiona o valor de uma boneca mundialmente conhecida a Barbie, afirma que a boneca simboliza um padrão de beleza almejado por homens e impõe esses padrões na sociedade, entretanto prossegue dizendo: *O que vamos fazer com a Barbie? Decida você mesma! Eu não teria comprado uma para minha filha. Mas a vovó comprou.* (Preuschoff, 2004 p. 60). A autora continua a narrativa dizendo que sua filha após brincar com a boneca por um período de tempo passou a querer usar salto alto, *e como mães não temos controle total das coisas* (idem, p. 61)

Para encerrar o assunto Barbie, Preuschoff conta uma piada:

Uma mulher entra numa loja, querendo comprar uma boneca Barbie. A vendedora lhe mostra vários modelos:

— Aqui temos a Barbie pronta para andar a cavalo, ela custa 24 reais. Esta é a Barbie jogadora de tênis, 22 reais, e temos também a Barbie noiva, que custa 26 reais. E, por fim, temos a Barbie divorciada, esta custa 100 reais

— Por que esta é tão cara? — pergunta a mulher, irritada.

— É por que, se a senhora comprar, leva também o casarão do Ken, o carro do Ken e o barco a vela do Ken.

Esta piada que aparenta não ter propósito algum na leitura reforça outro estereótipo feminino baseado no senso comum, o da mulher interesseira. A autora não faz nenhuma

referência ou crítica à piada, foi uma opção para dar desfecho ao capítulo dos brinquedos de uma maneira descontraída.

Como fazer um menino.

Assim como o sexismo, o racismo, o classismo, que visam um padrão para os seres humanos e colocam a margem da sociedade aqueles que, por diversas condições, não se enquadram nesta, a heterossexualidade é padrão de normalidade e todos os indivíduos são considerados heterossexuais, até que se prove o contrário. Socialmente, assumimos a heterossexualidade como natural. A homofobia é o termo utilizado para caracterizar indivíduos que sentem repulsa, medo ou desprezo pelos homossexuais. Com uma crescente preocupação em educar meninos para que estes não se tornem homossexuais, muitos pais procuram a melhor maneira através de livros de auto-ajuda para diferenciar a educação do menino.

O psicólogo Ângelo Monesi afirma no filme *Boneca na Mochila* (1995), que famílias possuem sonhos para os filhos como estes constituírem uma família, gerarem filhos e filhas, a homossexualidade causa intranqüilidade.

Na mesma coleção do livro *Criando Meninas* (2003), e do mesmo autor de *Criando Bebês Felizes* (2007), o livro *Criando Meninos* (2002) é considerado também um *best-seller* mundial, sem metodologia científica que ensina como os pais devem educar os filhos do sexo masculino. Na breve apresentação denominada “Uma nota importante” o autor, Steve Biddulph, afirma que houve um tempo, o qual não é apresentado, em que os meninos eram mais valorizados que as meninas e que todo o recurso destinado à educação era fornecido aos meninos, já que considerava-se desperdício gastá-lo com as meninas.

Para afirmar que a juventude masculina é vulnerável, o livro começa com uma breve narrativa em primeira pessoa mostrando um acidente de carro, em que vários indivíduos do sexo masculino estavam presentes, alguns desempenhando o papel de adulto bem-sucedido, o que o autor diz ser “maravilhoso”, outros os de jovem desviado. A mulher

é apresentada como, talvez, sendo mãe, desesperada e amparada pelo “maravilhoso” homem adulto.

Biddulph afirma, no decorrer de sua narrativa, que atualmente, as meninas são mais seguras de si, são mais caprichosas, mais aplicadas, inteligentes e sabem conviver em harmonia com outras meninas. Já os meninos vão mal na escola, são desinteressados, fazem bagunça, implicam com as meninas e brigam entre si. Sua única forma de convencer o leitor e a leitora e comprovar sua tese, é pedir que observemos uma pré-escola. O autor prossegue afirmando que os meninos, ficando mais velhos, começam a se isolar e a perder o interesse por leituras e estudos. Os adolescentes do sexo masculino são muito inseguros, não sabem comportar-se na frente das meninas, tornam-se agressivos ou terrivelmente tímidos. O autor não aponta dados precisos para confirmar sua teoria, como quando diz que a quantidade de mortes de adolescentes do sexo masculino é três vezes maior que o das meninas, e a causa destas, segundo o autor, *são diversas*.

O objetivo posto em seguida no livro é o desejo de ver todos os jovens do sexo masculinos felizes, ativos e participativos e, ao mesmo tempo lavando louça e arrumando o quarto.

Biddulph afirma que por trinta anos *foi moda* dizer que meninos e meninas são iguais, entretanto a partir dos cinco anos, já há pesquisas mostrando o contrário, como já haviam afirmado professores e professoras e pais e mães. O livro busca mostrar que tais diferenças são saudáveis.

Segundo o livro, os meninos sofrem de mudanças bruscas no humor, e nos surpreenderíamos com esta variação, não se sabe o que os meninos irão se tornar. Devem-se seguir alguns passos de como educá-los segundo um plano estabelecido.

Existem três estágios na infância que são universais e atemporais segundo Biddulph:

O primeiro vai do nascimento aos seis anos de idade, no qual o menino é exclusivo da mãe, o pai pode até exercer uma função importante, mas a criança mantém uma forte

ligação maternal. Neste estágio, deve-se dar muito amor à criança, passando uma visão de mundo calorosa.

O segundo estágio vai dos seis aos catorze anos de idade, é quando o menino se aproxima mais do pai, e a mãe deve se afastar um pouco, é o estágio em que o menino se sentirá seguro de sua masculinidade, o objetivo é tornar o menino ao mesmo tempo afetuoso e bem humorado, desta forma, ele se tornará uma pessoa equilibrada. *O segundo estágio inclui o período que vai dos seis aos catorze anos - quando o menino, num impulso que vem de dentro, começa a querer aprender a ser homem, e se volta cada vez mais para o pai, com quem procura partilhar interesses e atividades* (Biddulph, 2002, p. 82)

O terceiro estágio se estende dos catorze anos à idade adulta, quando o menino necessita de informação e de mentores do sexo masculino afastando-se, um pouco, do pai e da mãe.

Finalmente, dos catorze anos à idade adulta - é o estágio em que o menino precisa de informação de mentores do sexo masculino para completar a jornada rumo à idade adulta. Mamãe e papai ficam um pouco de lado, mas devem cuidar para que bons mentores façam parte da vida de seu filho, senão, ele vai ter que contar com colegas despreparados para construir sua individualidade. (idem)

Biddulph não explica os estudos feitos para concluir que tais estágios realmente existem e que, no primeiro, o menino deva ficar majoritariamente com a mãe, no segundo com o pai e no terceiro com um suposto mentor, um homem de confiança e ter pai e mãe afastados.

O autor explica que os estágios não significam rupturas entre o filho e a mãe e nem posteriormente entre o filho e o pai, apenas muda-se o enfoque. O pai e a mãe devem estar presentes e compartilhando da educação da infância à adolescência do filho, além disso, é responsabilidade destes escolher e confiar um mentor ao filho.

Biddulph julga a adolescência como um perigo iminente. Os meninos que não possuem um mentor acabam ficando expostos ao mundo, sem direção. Segundo o autor não encontram ninguém para se apoiar. Muitos não amadurecem nunca, ficando em um estágio intermediário. Segundo o autor, a falta de conhecimento de tais estágios, faz com que os

meninos se tornem problemas na escola. Afirma, ainda, que é de extrema importância conhecer esses estágios.

Para Biddulph a mãe é a pessoa mais capacitada para cuidar do bebê, independentemente se este é menino ou menina, todas as crianças necessitam dos mesmos cuidados. O bebê precisa ter proximidade com pelo menos uma pessoa. E já que estamos falando de Biddulph que apóia o fato das mulheres não seguirem carreira profissional para se dedicar exclusivamente aos filhos, não surpreende que, segundo ele, esta proximidade se dá geralmente com a mãe, pois o autor enxerga a mulher com todos os estereótipos que a sociedade incumbe a ela, ou seja, Biddulph afirma que a mãe é mais cuidadosa, mais disposta e mais motivada que o pai, a forma como a mãe cuida do filho é mais carinhosa, mais tranqüila e doce, ou seja, tudo de que o bebê necessita.

O autor apóia este último argumento no fato de que hormônios femininos, principalmente a prolactina, liberada na corrente sanguínea enquanto a mulher amamenta, predispõem a mãe a querer estar com a criança e dar-lhe toda a atenção. Exceto pela amamentação, o pai pode cuidar da criança da mesma maneira, entretanto as brincadeiras dos pais são sempre mais agressivas, segundo o autor, enquadrando o homem em outro estereótipo.

Biddulph utiliza o termo gênero erroneamente para afirmar que, desde bebês, as diferenças são evidenciadas entre os sexos, coisas como sensibilidade a toque no rosto, massa corpórea maior, meninos quando começam a andar se movimentam mais e precisam de mais espaços, preferem empilhar blocos mais altos, ao contrário das meninas. Os meninos gostam mais de segurar e manipular objetos. Na pré-escola as meninas são mais receptivas a um colega novo na classe que os meninos.

Apesar da grande pretensão do livro, de querer provar que meninos e meninas desde bebês são muito diferentes, Biddulph assume que, infelizmente, pesquisas mostram que os pais tratam os filhos do sexo masculino com mais rispidez desde recém-nascidos, falam menos com os meninos do que com as meninas. O autor afirma que quando a mãe se esforça para conversar mais com os filhos e filhas, seus cérebros desenvolvem melhor o aspecto da fala, o que melhora a sua sociabilidade, fato que para o autor, é muito

importante para os meninos já que estes precisam de mais ajuda que as meninas para adquirir habilidades sociais.

O livro *Criando Meninos* é anterior ao livro *Criando Bebês Felizes* (2007), porém, este já é uma introdução do desgosto de Biddulph às creches e pré-escolas. Está escrito no livro *Criando Meninos* que as instituições educacionais não se adaptam à natureza de crianças pequenas. Diz também que muitos estudos já comprovaram que meninos sofrem mais na separação da mãe que a menina. As crianças abaixo de três anos devem permanecer em casa aos cuidados de um parente ou babá, alguém que os considere especiais.

Um pouco de estudo científico.

Geribola (2002) ao pesquisar a prática da pedagogia feminista em uma EMEI constata:

Existe um conjunto de idéias, de imagens e de crenças, que legitima e dá continuidade às diferenças acirradas de papéis sexuais. A mesma ideologia que trava o exercício da sexualidade feminina, restringe o potencial de desenvolvimento da mulher, colocando-a na prática, em uma posição desigual frente ao homem. Esta ideologia é transmitida, desde cedo, pela família, escola, religião, meios de comunicação, literatura, etc. O papel das feministas dentro deste conceito é, mostrar como as histórias infantis reforçam a idéia de papéis diferenciados a partir do momento em que, a mulher passiva espera que o homem ativo a salve; e mostrar como a sociedade transmite a idéia de desigualdade. (Geribola, 2002, p. 16)

A autora observou que apesar das professoras ainda, através de gestos para manter a ordem, como fazer com que as crianças fiquem sentadas, com mãos nos joelhos, em silêncio. a distribuição de tarefas como varrer a sala, limpá-la entre outras, são sempre executadas igualmente tanto por meninos como por meninas, isso levou-a seguinte conclusão:

(...) respeitando principalmente a especificidade infantil, valorizando seus saberes, criando espaços de autonomia, de expressão de linguagens e de iniciativa para a exploração e a compreensão do mundo, a professora conseguiu, ao menos, dar um primeiro passo para que meninos e meninas tenham um relacionamento igualitário. (Geribola, p. 85)

A partir de questionamentos a respeito das “verdades” nas relações de gênero na educação infantil, como por exemplo, a forma como meninos e meninas brincam, como as crianças se relacionam e se comportam de acordo com seu sexo, pressupondo que essas características são naturais, Finco (2003) estuda as relações entre crianças do ponto de vista da própria criança. A autora pesquisa as relações de gênero através das brincadeiras, pois esta é uma forma de expressão e a forma infantil de se manifestar culturalmente.

São atuais as pesquisas abordando as relações de gênero entre as crianças, já que o que se tem sobre estudos de gênero são pesquisas realizadas por mulheres adultas sobre mulheres e homens adultos, decorrentes de um mundo *adultocêntrico*. Não se estuda o lugar da infância na construção social das relações de gênero no sistema educacional. Há muitas pesquisas a respeito das diferenças sexuais, entretanto, as divulgadas são as que a existência da diferença era confirmada. (Finco, 2003)

Finco (2004) explica através da narrativa do livro “*Faca sem ponta, Galinha sem pé*” de Ruth Rocha (1998), como a narradora desmistifica os comportamentos esperados de uma menina e de um menino quando eles trocam de sexo ao passar debaixo de um arco-íris, mostrando que as diferenças são construídas e não naturais.

No contexto escolar, encontramos muitas crianças que têm vontade de brincar com crianças do sexo oposto, meninos que querem brincar de “brincadeiras de meninas” e meninas que querem brincar de “brincadeiras de meninos”. Já foi evidenciado, nas relações das crianças, dentro da escola, que estas procuram brincar com outras e distribuem os papéis independentemente de seus sexos e sem menosprezar funções masculinas ou femininas. As crianças também trocam os papéis, como meninos brincando de arrumar a casa ou cuidar de bebês e meninas jogando futebol. (idem). Concluímos assim que o sexismo é construído no decorrer dos anos escolares, são os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro.

Kaysel em sua pesquisa a respeito das brincadeiras entre meninas e meninos em uma EMEI de Campinas constata que:

(...) apesar das crianças reproduzirem comportamentos pré-determinados de menino e menina esperados pela sociedade, isso não significa que elas reproduzam o tempo todo, pois há momentos, principalmente durante as brincadeiras em que as crianças são capazes de transgredirem a cultura imposta. (Kaysel, 2006, p. 68).

Marques (2004), em sua pesquisa a respeito de práticas não-sexistas em uma creche de Hortolândia, chega à mesma conclusão ao observar meninas e meninos juntos brincando livremente em uma garagem:

Neste episódio vemos que as crianças realizaram diversas brincadeiras ao mesmo tempo e que todas se envolviam independentemente do sexo que pertencem, isto é, não houve separação entre meninos e meninas, pois todos sempre brincavam juntos.

Por isso, meus dados confirmam que a separação dos meninos e das meninas é algo cultural e não natural, pois neste ambiente em que eles puderam brincar juntos, não houve em nenhum momento alguma intenção de se separarem. (Marques, 2004, p. 40)

Ao contrário do que realmente acontece na escola, o papel do(a) profissional da educação infantil deveria ser o de não cobrar quanto aos papéis sexuais pré-determinados, permitindo que as relações ocorram de forma livre. Entretanto, os comportamentos das crianças que querem brincar como de maneira estereotipada o sexo oposto brinca causam extrema preocupação nestes profissionais.

O Dr. Ronaldo Pamplona da Costa no filme *Boneca na Mochila* (2005) discute o fato da a brincadeira em que a criança interpreta diferentes personagens, em que há troca de papéis e a experimentação das diferentes formas de ser é importante, pois ao colocar-se no lugar de um ser humano diferente, a criança aprende a entender e respeitar a diversidade.

Capítulo IV

Creche: Lugar de criança pequena.

Para a mulher, para a criança, para a sociedade.

Em todos os regimes de exploração do homem, o fundamento primordial da condição subalterna da mulher foi de: caber a esta os trabalhos: repetitivo, desgastante fisicamente, invisível e não valorizado. Nos dias atuais, a emancipação da mulher depende também da afirmação de sua independência econômica e competência de expressar-se no trabalho produtivo.

A ampliação, considerável, do número de creches, fruto da luta feminista, foi para a mulher uma das maiores realizações sociais, pois de fato, é a existência destas instituições que permitiu a ela participar de todas as atividades laborais, sociais e políticas. Porém entre a maioria das famílias, ainda que a mulher trabalhe fora de casa, cabe a esta as tarefas domésticas e o cuidado com as crianças, possuindo, assim, uma dupla ou tripla jornada de trabalho.

A educação de crianças pequenas, assim como o cuidado com o idoso não são mais funções restritas das famílias o que não as fazem anomicamente insuficientes e nem portadoras de alguma patologia social (Rosemberg, 1995). A responsabilidade pelo cuidado e educação da criança pequena não está mais acoplada à esfera doméstica, cabendo ao Estado garantir-lhe um espaço adequado e também a implementação de políticas públicas.

O ambiente da creche possui representatividade diferente para a criança e para o adulto. Para meninas e meninos, o espaço pode exprimir alegria, medo, proteção, mistério, desafio, imaginação, descoberta. Liberdade ou opressão. As atividades das crianças são influenciadas pelo espaço, ou seja, pelo cotidiano que demanda a organização deste como forma de controle dos desejos e das curiosidades infantis. Por isso, ele deve ser pensado e planejado visando às necessidades da pequena infância. O adulto que o planeja se faz

presente, representado pelo espaço ainda em sua ausência. O adulto que ajusta o espaço de acordo com suas próprias necessidades, como por exemplo, o mobiliário que deveria estar ao alcance da criança.

O adulto não estudioso ou profissional da educação infantil, por falta de conhecimento das especificidades da criança pequena, acaba por apropriar-se do espaço, e desrespeita o local que a criança pequena possui para ser dela na sociedade, a creche. Este adulto desconhece que a criança possui suas linguagens, suas formas de ser e de estar no mundo, de aprender e viver o dia-a-dia e seus direitos de explorar o ambiente.

Apesar de toda a luta pela emancipação da mulher retratada no capítulo anterior, a melhoria da qualidade de vida, incluindo as creches, há autores da psicologia, preocupados unicamente com o desenvolvimento cerebral, que defendem a extinção da creche e o retorno da mulher ao lar e a incumbência de cuidar dos filhos. Tais livros, entretanto, não são baseados em pesquisas científicas, eles simplesmente afirmam um pensamento comum, sem fundamento, baseando-se nos “achismos”. Um exemplo é o autor que será trabalhado a seguir, que acredita que os adolescentes, atualmente, apresentam problemas comportamentais como: suicídio, consumo de drogas, gravidez precoce, problemas com as leis, entre outros por terem freqüentado creche e não terem obtido, na primeira infância, o amor necessário para se tornarem indivíduos saudáveis (Biddulph, 2007, p. 28). Porém o próprio autor diz que esta é apenas uma teoria, e que não há evidências ou pesquisas a respeito. Ainda assim, este é seu principal argumento para afirmar que a creche causa danos irreversíveis, comparando-as, perversamente, com os danos causados pelo cigarro.

Como se sabe, a partir da pesquisa a respeito dos danos causados pelo cigarro e por outros problemas de saúde em larga escala influenciados por fatores externos, a estabilização dos prejuízos é relativamente difícil de ser alcançada. Nesses estudos sobre cuidados de crianças por profissionais, as ferramentas de mensuração são relativamente frágeis e estão baseadas em observação e entrevistas; na realidade, não sabemos o que se passa na cabeça dessas crianças, nem sabemos como essas mudanças vão interagir – por exemplo, com estresses posteriores, com desafios escolares, ou talvez só emergirão na idade adulta. Os efeitos negativos descobertos podem não ser os únicos, e os tipos mais importantes de efeitos prejudiciais podem se manifestar somente depois de algum tempo. (Biddulph, 2007 p. 66).

Neste capítulo, trabalharei com um livro de auto-ajuda cujo autor já é conhecido pelos seus *best sellers* que ensinam a cuidar e educar crianças, sendo este seu mais recente trabalho.

Um livro baseado em senso comum.

Steve Biddulph, nascido em 1953, é um psicólogo britânico que, atualmente, vive na Austrália. A sua explicação para escrever seu último livro *Criando Bebês Felizes* (2007) é exposto na introdução. Segundo o autor, uma amiga lhe telefonou, pedindo ajuda, pois estava confusa, acabara de voltar a trabalhar após a licença maternidade e deixara seu filho em uma creche, *o bebê descontrolou-se ao ser deixado sob cuidados de estranhos. Ela também ficou bastante angustiada, incapaz de concentrar-se no trabalho. Estava preocupada por achar que tinha cometido um erro terrível* (Biddulph, p. 07).

Após tal telefonema, Biddulph afirma que se dedica a observar as creches e o sofrimento das mães. Como é feita a observação, não é relatado no decorrer do livro. Em algumas passagens, o autor afirma observar a creche da calçada, de longe para não ser visto. Além disso, alega que este não é apenas um livro de auto-ajuda, mas um livro político em defesa dos bebês.

Os argumentos utilizados por Biddulph, exemplificados no decorrer deste capítulo, não representam apenas a voz de um homem. Há uma crença entre pais, mães e inclusive professoras*, funcionários e funcionárias das creches de que as crianças têm direito de ficar com seus progenitores, principalmente com a mãe. Entretanto, buscarei contra-argumentar sobre o direito que a criança também tem de ficar com profissionais diplomadas da pedagogia, tornando este não só um texto defensor da creche, mas também um material de formação docente.

Criando Bebês Felizes embasa todos os seus argumentos no fato de a sociedade ter se alterado nos últimos trinta anos, e no fato de que, hoje em dia, as pessoas vivem com mais luxo, porém de maneira apressada e estressada. Segundo Biddulph, as mulheres,

atualmente, colocam seus bebês em creches e voltam a trabalhar por uma exigência social, para não ficarem diferenciadas da moda.

Você também é afetado por tudo isso. Se não estiver envolvido no negócio de ganhar e gastar – por exemplo, no caso de decidir, como pai ou mãe, permanecer em casa durante certo tempo para cuidar do seu bebê – provavelmente você se sentirá um tanto perdido, um pouco a margem do mundo. (Biddulph, 2007 p. 19)

Ainda segundo o autor, os casais não se contentam com o salário de apenas uma das partes, já que a população é consumista, isso explica o fato das mulheres voltarem a trabalhar ao invés de se contentarem apenas com o dinheiro do marido e dedicarem-se exclusivamente aos cuidados dos seus bebês.

Para confirmar o que foi dito acima, devemos aceitar o fato de que as famílias, segundo a visão do autor, são constituídas de mãe, pai e filhos, vivendo juntos, e que ou o pai ou a mãe recebe salários suficientemente necessários para sustentar todos os integrantes da casa.

Apesar de o autor viver num país rico, algumas vezes ele se refere não apenas às creches do Reino Unido, mas complementa com: *e no exterior* (pp. 15). Sabemos, entretanto, que o número de famílias constituídas por outro tipo de estrutura vem crescendo em todas as classes sociais.

As famílias nucleares com relações estáveis duradouras, constituídas de pai, mãe e filhos são um exemplo de estrutura já bastante modificada desde a sua origem. Ainda hoje, as famílias de classes populares, que optam por manter essa estrutura, geralmente estão preocupadas com o equilíbrio econômico do lar, com ameaças de desemprego é preferível manter uma família que possua provedores (Bilac, 1995). Entretanto, o número de mulheres emancipadas, que não necessitam de um provedor, favorece, atualmente, a escolha pelo divórcio ou por não se casar, colocando-nos assim em um outro capítulo da história da família, no qual a mulher não é mais obrigada a se manter em um relacionamento infeliz por não possuir sustento próprio.

Ainda assim, de acordo com o autor de *Criando Bebês Felizes*, o governo não deveria incentivar as creches e sim adotar medidas para que a mãe ou o pai ficasse em tempo integral com a criança enquanto esta ainda é um bebê. Biddulph possui a solução para o que ele acredita ser um risco para a sociedade. Segundo ele é necessário haver licença remunerada aos pais e mães no período de um ano, jornada de trabalho flexível e garantia de emprego. Levamos em consideração que o autor, apesar de se referir às creches do mundo todo, escreve em um país rico. Questionemos: Para quem Steve Biddulph escreve? Que famílias possuem um emprego que atenda a essas exigências?

O autor deste livro de senso comum luta para convencer as mães e os pais de todo o mundo de que *berçários, creches e escolas maternas de boa qualidade para crianças com menos de três anos não existem. Trata-se apenas de uma fantasia veiculada por revistas em papel couchê e cheias de fotos coloridas* (pp. 12) Biddulph afirma que há uma pergunta que assombra a sociedade: As crianças são prejudicadas pelo longo período que são expostas aos ambientes de creches?. Biddulph afirma que não há dúvidas: *A resposta, como se pode supor, é "sim": muitas vezes, elas foram vítimas de efeitos nocivos* (pp. 15). Pois na creche a criança não recebe amor, o que é indispensável para que o indivíduo adquira capacidade e dimensões humanas. Segundo o autor é impossível uma criança receber amor em ambiente coletivo, ele compara tal fato com uma mãe que cuida de filhos quintúplios.

Ninguém no ambiente da creche se propõe a substituir o amor da mãe ou do pai, ela apresenta-se como complementar na educação e no cuidado da criança pequena. *A creche configura-se como um serviço de interesse público, com uma função clara de socialização de tarefas educativas, antes consideradas atribuições exclusivas da família (ou melhor, da mãe)* (Orgari e Molina, 2003). A creche é sustentada por um tripé: crianças, docentes e funcionários e família. O amor dado pela professora é diferente do dado pela mãe ou pelo pai, há intencionalidade educativa nas ações das professoras de creche. As crianças são capazes de múltiplas relações e assim participam do ambiente coletivo, (...), estabelecem graus e maneiras diferenciadas de demonstrar sentimentos, reconhecem os adultos a sua volta e interagem com eles.

Biddulph acredita que outro fator para as mães e os pais colocarem seus filhos em creches ou escolas maternas é a antecipação da escolarização, para que os filhos se tornem indivíduos competitivos inseridos em uma sociedade que já possui, culturalmente, este padrão de pensamento. Entretanto, o autor desconhece, de acordo com a leitura que fiz de seu livro, o real objetivo desta instituição.

Esta educação extra-familiar do filho pequeno não significa iniciar mais cedo as aprendizagens escolares, mas permitir-lhe experiências diversas e favoráveis a seu desenvolvimento psicológico graças ao aporte de um ambiente educativo especialmente previsto para este fim. (Rosemberg, 1995).

Cabe à professora, como profissional desta instituição, trabalhar a tríade pais e mães, docentes e crianças.

Para a Educação Infantil, a Lei de Diretrizes e Bases se limita a indicar sua finalidade, sua organização em creches, para crianças de até três anos de idade e em pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos, e que a avaliação será feita pelo acompanhamento e registro de desenvolvimento infantil, sem objetivo de promoção. (Campos, 1986). Ou seja, o objetivo da Educação infantil é possuir finalidade em si mesma.

Durante todo o livro de Biddulph, há um paralelo entre o mundo capitalista, competitivo e consumista e a causa das creches existirem como um depósito de bebês, ora ele aponta as creches como um local onde mães colocam os bebês para poderem continuar trabalhando e ganhar dinheiro, ora como um local que os pais acreditam que estimule os bebês a estarem mais adiantados e preparados para um mundo competitivo. De acordo com o autor de *Criando Bebês Felizes*, as creches surgiram com o propósito de inserir as crianças no mundo capitalista, tornando-as mais produtivas e competitivas. *Essas instituições são uma iniciativa – quer motivada por idealismo ou por cobiça empresarial – para integrar nossas crianças confusas e carentes ao novo sistema econômico* (pp. 21)

Até os anos 70, na sociedade capitalista ocidental, as creches se caracterizavam pelo assistencialismo. As profissionais responsáveis pelas crianças possuíam formação sanitária ou nenhuma formação, já que o trabalho era cuidar de crianças. Não havia uma profissional especializada, somente com os cuidados e com os momentos de lazer, existiam no mesmo

ambiente várias funcionárias encarregadas de diferentes tarefas, desde a limpeza do ambiente até os cuidados com as crianças, havia rodízio de funcionárias. O relacionamento com pais e mães era reduzido e o objetivo e preocupação das ações das funcionárias estava na intencionalidade da normalidade do crescimento físico das crianças, este era o papel profissional das atuantes da creche. (Campos, 1986). Ao afirmar que a creche, ainda hoje, possui caráter assistencialista como os antigos asilos de crianças e que o objetivo é reafirmar a sociedade capitalista competitiva o autor demonstra que não pesquisou a respeito do principal tema de seu livro.

Biddulph afirma de maneira repetitiva que pais e mães possuem duas escolhas: deixar seus bebês em creches ou deixar de trabalhar para cuidar exclusivamente destes em casa. Segundo o autor, a maioria opta por colocar seus filhos em creches, pelo fato de esta escolha ser moda, *decidir, como pai ou mãe, permanecer em casa durante certo tempo para cuidar do seu bebê – provavelmente você se sentirá um tanto perdido, um pouco a margem do mundo* (p. 19) Biddulph continua dizendo que essa é uma escolha *desumana e insustentável*. (idem).

Para exemplificar o comportamento das crianças, atualmente, o autor afirma: *As crianças são inconvenientes, confusas, demandam tempo, não funcionam de acordo com uma tabela de horários. O dinheiro não conserta o que está errado com elas* (pp. 20). A teoria do autor é a de que as crianças são mal educadas pelo fato de terem freqüentado creches e pré-escolas. Este comportamento considerado por Biddulph “mal educado” não poderia ser um comportamento de rebeldia, de protesto? Biddulph preocupado em combater a reafirmação da sociedade capitalista nas instituições de Educação Infantil não estaria sendo contraditório ao afirmar que crianças que se diferenciam da massa, “desobedecendo” ou seja, questionando ordens muitas vezes autoritárias, são “mal educadas”?

O autor refere-se aos profissionais de creche de maneira pejorativa e preconceituosa, utilizando aspas na palavra “profissionais” dizendo que *esses “profissionais” talvez sejam adolescentes e jovens de 20 e poucos anos, ex-alunos medíocres com qualificações mínimas que simplesmente estão exercendo essas funções ao acaso* (p. 21).

Apesar do preconceito claro e indiscutível que o autor tem para com com profissionais da Educação Infantil, mais especificamente da creche, não devemos nos iludir acreditando que esta é uma opinião única, o desrespeito e a descredibilidade no trabalho da creche é amplo. É difícil observar o produto do trabalho realizado com bebês, a brincadeira não deixa registro visível para os que não observam atentamente. Para uma pessoa leiga a creche não é um local valorizado, pois as crianças “só brincam”. *As professoras podem desenvolver um duplo papel no cotidiano com as crianças pequenas: além de protagonistas das relações educativas, o de cenógrafas deste contexto (...) Sem dúvida esses são papéis mais sutis e necessariamente mais complexos.* (Musatti, apud Tristão, 2006)

Biddulph afirma, ainda, que o cuidado com crianças muito pequenas no coletivo é algo recente e que ocorreu sem pesquisa ou entendimento prévio. Porém as creches que antes possuíam o intuito de cuidar das crianças de mães trabalhadoras recebem um aumento significativo de ofertas entre os anos 60 e 70, *o aumento da oferta desses serviços e a melhoria da qualidade, por sua vez tiveram um impacto potencial de favorecer a entrada de outras mulheres no mercado de trabalho.* (Rosemberg, 1995) No final da década de 80, cresce o número de pesquisas a respeito da creche, juntamente com as lutas feministas e contra a ditadura militar. Durante a leitura, encontram-se passagens em que Biddulph relata observações feitas do lado de fora dos portões de uma creche, como por exemplo, o de uma criança que puxa a porta repetidas vezes, uma ou outra que brinca sozinha, outra que arrasta um pedaço de pau batendo-o nas grades. O autor faz sua interpretação do que observa de longe, sua análise é condicionada ao fato de que as crianças têm essas ações porque estão infelizes, porém estudiosos da pequena infância, que participam e observam a creche de maneira próxima e por um período de tempo com maior significância, provavelmente fariam outra análise. Para Biddulph, a menina batendo o portão significava que ela queria fugir, o menino batendo o pauzinho significava que ele estava solitário.

Compete à professora ser a mediadora das ações das crianças seja quando estas estão em grupos pequenos, grandes grupos ou sozinhas. O exercício de repetição e intensidade das ações realizadas pelas crianças proporciona novas experiências e a apropriação de novos significados. Meninos e meninas representam diferentes papéis em situações diversas, a produção da cultura infantil está atrelada à brincadeira que é a

expressão da imaginação e da criatividade. O fato das crianças utilizarem-se de diferentes materiais, dando-lhes novos significados comprova que esta produz cultura. A análise de Biddulph a respeito da menina que batia no portão foi feita a partir de um olhar adulto. O portão poderia representar algo diferente para a criança.

Através das brincadeiras as crianças são capazes de estabelecerem múltiplas relações, de criarem e recriarem, de construir novas formas de existência. É fundamental que os espaços para o brincar nas instituições de educação infantil possibilitem que *adultos e crianças possam vivenciar, experimentar, sentir, conhecer, explorar toda a riqueza que esta atividade encerra, entre fantasias e histórias, danças, músicas, transgressões, imprevistos, sociabilidades, invenções, convites à brincadeira e outras manifestações e expressões culturais* (Prado, 1999, p115)

É papel da professora de educação infantil estar atenta e observar os momentos de brincadeiras, enquanto ocorre o brincar é fundamental que ela se aproxime das crianças para registrar o modo como elas estão produzindo sua cultura, para quando é necessário intervir, e para além de todas essas colocações, para brincar juntamente com as crianças. (Kaysel, 2006, p. 71)

Criando Bebês Felizes afirma que os ambientes de creches são *emocionalmente estéreis, superfícies plásticas e com pessoal entediado, mal pago, destreinado e exausto* e afirma, ainda, que o período em que as crianças pequenas freqüentam as creches *será considerada uma época breve e terrível, junto com todos os outros pesadelos da história da educação infantil* (pp. 31). Não é, entretanto, o que as pesquisas apontam ao descrever os ambientes de creche, os quais devem ser preparados, planejados e organizados de acordo com as necessidades da pequena infância. São poucos os locais que as crianças possuem na sociedade feitos com o objetivo de atender as necessidades destas, não visando os adultos.

A “dupla alienação da infância”, isto é, a criança rica privatizada, alienada, antecipando a vida adulta através de inúmeras atividades; e a criança pobre explorada, também antecipando a vida adulta no trabalho, deve ser combatida fazendo da creche um oásis, um lugar onde se torna criança, onde não se trabalha, onde se pode crescer sem deixar de ser criança, onde se descobre (e se conhece) o mundo através do brincar, das relações mais variadas com o ambiente, com os objetos e as pessoas, principalmente entre elas: as crianças. (Faria, 1999)

Biddulph afirma que as crianças são agressivas, que há meninos maiores e meninas geniosas que dominam as crianças mais introspectivas, ou menos assertivas e afirma: *seu filho pode se tornar um dos dominadores ou dos brigões, como outra maneira de lidar com*

o ambiente estressante. (pp. 35). Durante todo o período de permanência na creche, as crianças estão em movimento, demonstrando espontaneidade e diversidade, dando significados aos espaços e à cultura produzida através dos relacionamentos criança-criança, criança-adulto, criança pequena-criança mais velha improvisando brincadeiras e criando linguagens próprias (Prado, 2005) A creche também é um espaço marcado por disputas, algumas atitudes como as mordidas e os puxões de cabelo ocorrem entre as crianças. Esta são também formas de comunicação, pelas quais as crianças se expressam, defendem-se e se relacionam com o mundo, mesmo porque estas “agressões” não se caracterizam como forma privilegiada de interação entre elas. Tais disputas são importantes para o relacionamento humano, as competições agressivas por parte das crianças fazem com que a professora faça combinados com elas e seja mediadora nas relações.

Segundo Biddulph, a criança pequena gosta de lugares onde tudo seja propriedade exclusiva dela, brinquedos ou mobília que não divida com as outras. *Crianças com menos de três anos são muito jovens para estimularem ou ajudarem umas às outras por mais do que alguns segundos, ou até brincarem juntas de modo cooperativo.* (pp. 35).

Essas teorias a respeito do egocentrismo em crianças pequenas já são problematizadas, afirmando que a criança se torna introspectiva no ambiente onde ela está. A criança é um indivíduo produtor de linguagem, enlaçada em diversas interações sociais, a criança já é vista como parceira de trocas diversas, com possibilidade de desenvolver autonomia, conduzindo iniciativas próprias (Bondioli e Mantovani, 1998).

Biddulph afirma que nunca há adultos suficientes para dar atenção às crianças e completa dizendo que o fato dos profissionais não serem os pais ou mães das crianças não lhes dá motivo para darem o melhor de si. Há um título de um dos capítulos dedicado à profissional de creche chamado: *A equipe responsável pelos cuidados trata as crianças de maneira diferente dos pais.* Em seguida, o autor afirma que *Raramente um funcionário canta para um bebê ou faz um muxoxo na sua barriga enquanto está trocando a fralda dele; algo que uma mãe ou um pai fazem sempre.* (pp. 37)

Profissionais envolvidas com as crianças devem considerar o espaço e o tempo como parte das atividades pedagógicas. O espaço da educação infantil não deve ser

encarado como rotina, mas como jornada, sendo assim, os momentos devem ser variados, não seguindo um padrão todos os dias, como, por exemplo, a troca de fraldas que uma vez pode ser trocada contando história, outra cantando, assobiando. (Faria, 1999). A construção da jornada e o planejamento cabem às profissionais da educação infantil, faz parte de seu ofício e requer conhecimento e formação. Biddulph apontando que apenas os pais e as mães são capazes de tornar o momento da troca de fralda prazerosa para a criança desconhece a formação necessária dada às professoras de educação infantil.

As profissionais de Educação infantil devem saber que falando com a criança, respondendo aos seus sinais, evocando suas respostas, em uma interação de diálogo, o adulto facilita a apropriação por parte dos pequeninos do funcionamento social e do papel da linguagem nas relações (Bondioli e Mantovani, 1998).

Entretanto, apesar das críticas às creches, Biddulph faz a seguinte afirmação: *Não há nada mais importante na vida do que o relacionamento com outros seres humanos* (p. 19), Não seria este um dos principais objetivos da creche, a convivência com outros seres humanos? Aparentemente, o autor refere-se ao relacionamento entre a mãe ou pai e seu filho, porém sua frase é extremamente importante, pois a sociabilidade é o que define o ser humano segundo diversas áreas do conhecimento.

Provavelmente a análise de Biddulph, feita de maneira superficial, leva-o a acreditar que as creches são ambientes em que somente se brinca e corre, entretanto ele desconhece que neste ambiente, deve haver intencionalidade na prática pedagógica e que o brincar e correr também estão inclusos nesta pedagogia. A creche é o único local na sociedade que atende os interesses e desejos da pequena infância. É o local de explorar, circular, andar pelo espaço, ir e vir. O fazer da criança no dia a dia tem que dar conta da criatividade, o papel da professora é possibilitar, facilitar e incentivar essa criatividade, fazendo a criança perceber que o que ela faz é algo novo. (Faria, 1999)

Não se pode pensar nas brincadeiras apenas como um instrumento de aprendizado visando à preparação para a escola, no entanto, não se pode também pensar no brincar como antagonismo do aprender. Na verdade, nenhuma das duas concepções dá conta da totalidade, já que, tanto uma como a outra, exclui uma parte essencial do brincar. (Kaysel, 2006, p. 71)

Biddulph acredita que um dia na creche é perceptivelmente longo e que *em casa, um dia também pode ser longo, mas está pontuado por parte da vida dos pais – ir de um lado para outro, encontrar amigos, fazer compras – o que pode torná-lo enriquecedor e interessante.*

Entretanto, trato, neste trabalho, de uma valorização das necessidades das crianças pequenas, para o que são necessários ambientes e profissionais especializados, a fim de que se realize a sua plena educação, na qual os cuidados não são indissociáveis dos afazeres pedagógicos. O mundo e a rotina adulta não se assemelham à vida da infância.

Steve Biddulph coloca para pais e mães que o ideal é a criança ficar em casa, e que, de vez em quando, sejam trazidos, um ou no máximo dois, amiguinhos para brincarem. (pp. 38), porém, as residências não são locais planejados para atenderem à especificação das crianças, são ambientes criados com o objetivo de atingir as dimensões adultas e suas especificidades. Já *as instituições de educação infantil deverão ser espaços que garantam o imprevisto (e não a improvisação) e que possibilitem o convívio das mais variadas diferenças; apontando para a arbitrariedade das regras* (Faria, 1999)

Quem são esses amiguinhos que Biddulph acredita que os pais e mães podem trazer em casa para brincar com seu filho(a) pequena(a), se este(a) não frequenta ambientes com outras crianças?

Uma pedagogia da educação infantil que garanta o direito à infância e o direito a melhores condições de vida para todas as crianças (...) deve, necessariamente, mediante nossa diversidade cultural e, portanto, a organização do espaço, contemplar a gama de interesses da sociedade, das famílias e prioritariamente das crianças, atendendo às especificidades de cada demanda a fim de possibilitar identidade cultural e sentido de pertencimento. A criança que desconhece o ambiente coletivo que comporta uma diversidade de pessoas, convive apenas no ambiente privado da família e não aprende a se socializar. No ambiente das creches as crianças estão sendo controladas para viverem em sociedade. (Faria, 1999)

A pedagogia da relação é uma intervenção educativa que age sobre o sistema de trocas sociais, utilizando-o como instrumento de crescimento (...) através das relações que progressivamente se entrelaçam entre a criança sozinha e os adultos - entre crianças no grupo de jogo - cria-se um conjunto de significados compartilhados, uma espécie de 'história social' (Bondioli & Mantovani, 1998).

Quanto mais as crianças vivem e convivem com relações de igualdade na creche, mais fácil será estranhar e criticar os possíveis textos, argumentos ou a própria linguagem que, como já é sabido, carregam ideologia, dados posteriormente que possuam sexismo, racismo e outros preconceitos.

O Capítulo 4 de *Criando Bebês felizes* se intitula: *Carcereiros e Gradualistas*. Nele, o autor divide os pais e mães em duas categorias: Os carcereiros, aqueles que mandam seus filhos para a creche e os gradualistas que colocam seus filhos nas *escolas maternais* (SIC) *de modo gradual e não antes de completarem cinco anos* (p. 44).

Como se sentem as mães ou os pais que desconhecem a pedagogia na creche e que necessitam desta como parceira na educação de seus filhos ao lerem este livro? Ao serem chamados grosseiramente de carcereiros?

Biddulph afirma que o fato de no passado as mulheres terem lutado para desenvolver a vida profissional não as impede de, hoje, elas lutarem por não almejar a vida profissional e dedicarem-se exclusivamente aos filhos. Para o autor as mulheres desejam, atualmente, lutar para não trabalhar.

Mulheres sempre trabalharam fora, se casaram, foram mães. A novidade contemporânea é que estas atividades não ocorrem sucessivamente, mas simultaneamente, ou em nova seqüência, fazendo com que um número significativo alto de mulheres com filhos pequenos trabalhem fora e vivam em famílias monoparentais (Moen, 1989). Daí a necessidade de se expandirem formas alternativas de cuidado/educação da criança pequena. (Rosemberg,1995)

A luta feminista pela emancipação da mulher não chegou ao fim para que surja, como afirma Biddulph, um novo movimento contrário. A luta pela creche de qualidade é uma luta das famílias, das mulheres e de todos os seres humanos pelas crianças, que não possuem autonomia para sair sozinhas em passeatas em defesa de seus direitos. É uma luta, sobretudo das professoras de creche pela formação e valorização desta perante a sociedade.

Tal instituição está longe de separar a criança da família, as creches ao contrário, inserem as crianças na sociedade, educando-as para respeitar o trabalho coletivo e a heterogeneidade entre os indivíduos. Além do mais, elas tornam-se independentes através

de suas atividades e, ao mesmo tempo, socializadas em função da forma coletiva destas..
Aprendem a se vestir, a se lavar, enfim, a cuidar de sua higiene pessoal; a organizar o seu espaço e a produzir, intelectual e materialmente, de forma individual e coletiva. Ampliam saberes e fazeres, produzindo assim, suas culturas.

Considerações Finais

Homens também fazem amor, mulheres também fazem sexo.

Os papéis masculinos e femininos constituídos culturalmente são criticados, sofrendo transformações através das lutas feministas e outros movimentos sociais que procuram desconstruir os estereótipos, mudando na sociedade através do tempo. Tais papéis começam a ser constituídos a partir do pré-natal. A família, conforme, suas expectativas inicia o preparo do enxoval diferenciado de acordo com o sexo do bebê. Assim, inúmeras vezes, todas as roupas, decorações de quarto, brinquedos, etc. são cor de rosa para as meninas e azul para os meninos.

“É menina ou menino?” Eis a primeira pergunta com relação à gravidez, e, assim que a criança nasce, começa a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, são ensinadas pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, a terem diferentes modos de pensar, sentir, atuar.

Geribola (2002) Constatou em sua pesquisa que as práticas por uma educação feminista estão surgindo entre docentes de educação infantil quando esses e essas atribuem as mesmas funções para meninos e meninas, como varrer a sala, fazer fila, organizar os brinquedos. A autora afirma que quando a professora exige que todas as crianças permaneçam sentadas com as mãos nos joelhos, apesar da autoridade exercida pela professora ainda poder ser criticada, a ordem é dada à todas as crianças, meninos e meninas, sem diferenciação de sexo.

As relações de gênero são produto de uma educação que tem início antes do nascimento e que se perpetua ao longo da vida. Tal concepção sexista reforça a desigualdade existente entre homens e mulheres, permeando todos os aspectos sociais como a sexualidade, a reprodução, a divisão sexual do trabalho, o âmbito público, etc.

Atribui-se à mulher as funções domésticas pelo fato, biológico, desta engravidar e amamentar. O trabalho de cuidado da casa, assim como o cuidado com os filhos, são desvalorizados pela sociedade. Com lutas a favor da emancipação feminina, muitas mulheres são empregadas fora do lar, entretanto, ainda cabe à maioria delas as funções domésticas, mesmo que sua carga horária de trabalho fora de casa seja equivalente a do homem.

Entretanto, investigando a história de opressão das mulheres e a luta feminista pela busca do direito à igualdade na sociedade, conforme relatado no primeiro capítulo do presente trabalho, pode-se constatar que ainda há muito que se lutar, pois é grande escolha da população em geral a leitura por lazer de livros sexistas denominados auto-ajuda.

Por isso o estudo das relações de gênero é essencial para os avanços de uma sociedade menos desigual e preconceituosa. Os estudos das relações de gênero ocupam, atualmente, lugar nas discussões acadêmicas, mesmo que ainda de forma dispersa. Assim, Por esse motivo, estudiosos da área ainda buscam meios de legitimar esse campo de estudos, colocando como afirma Scott (1990), gênero como uma categoria útil de análise. Tais estudos são importantes para superar preconceitos e discriminações existentes na educação.

No início da presente pesquisa, notei que eram raras as pessoas que reconheciam o termo *relações de gênero*. Normalmente perguntavam se eu estava tratando de gêneros literários. Percebi que grande parte das pessoas com quem conversei a respeito do assunto, surpreendiam-se ao tomar ciência de que existia um campo de estudo voltado a investigar a relação de poder entre os sexos. Obviamente, não será através do dicionário que colegas com quem conversei conhecerão o conceito de gênero com o qual trabalho aqui, mas sim através dos estudos acadêmicos.

Se admitimos que as palavras (todas elas) não nos revelam imediata e diretamente o que significam, isso fica especialmente evidente quando nos referimos a gênero. Usualmente as pessoas interessadas nessa perspectiva necessitam explicá-la e se explicar, não apenas conceitualizando e localizando seu objeto de estudo como também justificando a escolha desse objeto. (Louro, 1995, p. 102).

Considerando os estudos de Joan Scott, pioneiros e fundamentais para a minha análise no decorrer desta pesquisa, concordo que *o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.* (Scott, 1990, p.86).

A desigualdade sexual, como muitas outras desigualdades sociais, possui estruturas enraizadas de forma que a população, em geral, não percebe seus próprios preconceitos. Os livros intitulados de auto-ajuda, colocam-se, muitas vezes, como leitura humorística em que se propõe colocar que o cotidiano do ser humano é marcado por diferenças entre homens e mulheres.

O livro *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000) de Allan e Barbara Pease, faz piadas a partir dos estereótipos femininos em contraposição aos masculinos. A obra aponta diferenças baseadas no determinismo biológico, transformadas em desigualdades. As características femininas apontadas pelos autores no decorrer do livro vão desde a mulher ser mais falante, e por isso mais fofoqueira, até o fato desta não saber estacionar o carro. Ainda de acordo com o livro, homens são injustiçados por não se interessarem por romance, compromisso, comunicação, intimidade e toque não-sexual. Todos os estereótipos no livro são exagerados e generalizantes. As características femininas, quase sempre, são inferiorizadas e colocam as mulheres em desvantagem perante o homem, tornando-as, quase sempre, dependentes dele, há inclusive um subcapítulo dedicado a explicar por que os homens são mais espertos que as mulheres

O livro de Allan e Barbara Pease, assim como todos os outros livros de auto-ajuda trabalhados nesta pesquisa, não se propõem a criticar e apontar as deficiências sociais em relação aos preconceitos e dominações entre os sexos. Afirmando que as diferenças são natas e invencíveis, os livros de auto-ajuda permitem aos leitores e leitoras a aceitação da sociedade desigual em que vivemos.

Considero os livros de auto-ajuda lidos no decorrer deste trabalho: *Criando Bebês Felizes* (2007), *Criando Meninas* (2003), *Criando Meninos* (2002) e *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000), livros perigosos por conterem uma defesa ao sexismo, servindo para a manutenção de uma sociedade machista e desigual.

Defendendo um exemplo ideal, no qual os relacionamentos não possuem conflitos, tais livros nos remetem ao passado, no qual a mulher era feita submissa e aceitava, calada, as imposições e agressões masculinas.

Para o exercício de direitos plenos, são necessárias condições de possibilidades, ou seja, condições sociais que garantam de maneira democrática o livre exercício desses direitos, e para isso é preciso transformações sociais radicais que eliminem toda e qualquer forma de diferenciação e exclusão social, e não somente a de gênero.

Meninos e meninas são educados segundo essa visão sexista imposta pela sociedade que dão base para livros de senso comum. As proibições e imposições colocadas para as crianças pequenas provêm dos brinquedos considerados certos para meninas, diferentemente dos considerados certos para meninos. Os quais resultam das funções diferenciadas no ambiente doméstico, como ajudar a limpar a casa para meninas e ajudar a lavar o carro para meninos.

Entretanto, as crianças transgridem o que a cultura impõe e durante suas brincadeiras meninos e meninas brincam juntos sem desigualdade de gênero. Marques (2004) em sua pesquisa observa que a separação por sexo durante as brincadeiras normalmente é imposta pelos adultos, já quando a brincadeira é livre, meninas e meninos misturam-se.

A separação assim, se faz pelos adultos que acreditam que cada um deve conhecer o que é adequado ao seu papel e responder a estas expectativas. A criança, ao contrário, vê que tudo é adequado a sua ação, pois tais imposições são convencionais de cada cultura e não pertencentes naturalmente ao homem. (Marques, 2004, p. 40)

A brincadeira, como uma das principais ações das crianças, é essencial para que elas produzam cultura. É através da observação de brincadeiras de crianças pequenas que *a brincadeira possui uma qualidade social de trocas, nela descobrem-se significados compartilhados, (re) criam-se novos significados e encontram-se lugar para a experimentação e para a transgressão* (Finco, 2004, p. 9).

Apesar de estarem inseridas no mundo cultural dos adultos e de receberem as influências destes, as crianças pequenas são também produtoras de cultura. Diferentes culturas atribuem diferenças particulares, sobretudo, relacionadas à inclusão de gênero, classe, etnia e história, sendo assim, a infância não é uma categoria universal. Pode-se dizer que diferentes culturas determinam diferentes formas de ser e pensar a infância, permitindo concluir que há *culturas infantis*.

É de grande importância salientar que assim como professoras de Educação Infantil não irão *negar a condição das crianças poderem ser crianças* (Faria, 1999), também não se pretende *negar a condição dos adultos profissionais na creche*, como responsáveis pela tarefa de conduzir o processo educativo, organizar as práticas pedagógicas que devem apontar na direção da socialização e das práticas não discriminatórias.

As diferenças existentes entre meninos e meninas, de acordo com seus sexos, não podem significar uma educação para a desigualdade e sim de respeito às diferenças. As instituições de Educação Infantil caracterizam-se pela sociabilização e o convívio com a diversidade.

Também para a prática docente na Educação Infantil, as pesquisas nunca cessam, o perfil da professora exige que esta sempre se atualize, portanto a divulgação de pesquisas relacionadas às relações de gênero de maneira mais aprofundada interfere no seu trabalho, fazendo com que as crianças se relacionem com equidade de gênero.

O presente trabalho, desde o início, teve como principal objetivo ser um material de formação docente, para que a professora de educação infantil não pratique o sexismo entre as crianças e seja atuante de uma pedagogia feminista, caracterizada por educação sem distinções sexuais e imposições de papéis diferenciados para meninos e meninas. Para tanto, é necessária a formação docente pautada na práxis, em que prática e teoria não sejam dicotômicas. Assim, não cabe à profissional de Educação Infantil ler livros baseados em senso comum para justificar a sua atuação. O meu trabalho, através das críticas a tais livros e a apresentação de pesquisas científicas no campo da educação pretende ser um material de formação docente, apresentando a professora como pesquisadora e leitora de livros, artigos e pesquisas científicas, as quais darão base e justificarão sua prática.

A professora que possui prazer pela leitura incentiva suas crianças, mesmo as pequenas ainda não alfabetizadas, adquirirem o apreço pelos livros. É importante, se incentive o gosto pela leitura de qualidade, para que a sociedade tenha seus indivíduos como sujeitos da história, homens e mulheres que façam cultura e que impulsionem a transformação, fundamentados em princípios humanos de liberdade e solidariedade.

Esta é minha primeira pesquisa, e pretendo dar continuidade a ela pesquisando o campo da pequena infância e da produção cultural disponíveis para crianças de 0 a 6 anos, como livros, música, cinema, etc. Como tais produções culturais reforçam os estereótipos dos sexos ou se propõem a divulgar uma visão de igualdade de gênero, em que as diferenças são respeitadas e as desigualdades recriminadas.

Este trabalho é a base para uma futura pesquisa que articula as críticas feitas aos livros de auto-ajuda, que reforçam os estereótipos femininos e masculinos, às discussões da educação de crianças pequenas em creche como uma alternativa que combata o sexismo.

Referência Bibliográfica:

ASBAHR, Melissa C. C. **Os professores leitores dos livros de auto-ajuda para crianças.** Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2005. (Dissertação)

BIDDULPH, Steve. **Criando Bebês Felizes.** Rio de Janeiro: Prestígio, 2007
_____. **Criando Meninos.** Rio de Janeiro: Fundamento, 2002.

BILAC, Elisabete Dória. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. IN: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara T. (orgs.) **Família em Processos Contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira.** São Paulo: Loyola, 1995, p. 43-61.

BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna (orgs.). **Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: Novas perspectivas.** Editora da Universidade Paulista, São Paulo, 1992.

CAMPOS, Maria Malta. A Constituinte e a educação de criança da 0 a 6 anos. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo: Cortez, nº 59, p. 57-65, nov. 1986.

DOWNING, Douglas e CLARK, Jeffrey. **Estatística Aplicada, um modo fácil de dominar as conceitos básicos.** São Paulo: Saraiva, 1998.

FARIA, Ana Lucia G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. IN: FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Marina. (org.) **Educação Infantil pós-LDB. Rumos e desafios.** Campinas: Autores associados, 1999, p. 67-100

_____; DEMARTINI, Zeila de B. F.; PRADO, Patrícia D. (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas, SP: Autores Associados. 2002.

FERREIRA, Cláudia e BONAN, Cláudia. **Mulheres e Movimentos.** Ed. Aeroplano, Rio de Janeiro, 2005

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola.** Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2004. (Dissertação)

_____. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Proposições**. Faculdade de Educação da UNICAMP – Campinas. Vol. 14, nº 3 (42), p. 89-101. set/dez de 2003

_____. e VIANNA, Claudia P. . Corpo e cultura: bases sociais das diferenças entre homens e mulheres. **Viver Mente Cérebro - A tregua dos sexos**. São Paulo, p. 50 - 55, 01 fev. 2007

GERIBOLA, Vânia. **Pernas cruzadas e mãos no joelho: superando o sexismo em busca de uma pedagogia feminista**. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2002. (TCC)

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DERMATINI, Zélia de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (org). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p. 69-92.

_____. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas. **Pro-posições**, Campinas, SP, v. 10, n.1 (28), p. 139-154, 1999.

KAYSEL, Juliana Alves. **As relações de gênero durante as brincadeiras em diferentes espaços de uma EMEI de Campinas**. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2006. (TCC)

LOURO, Guacira L. Mulheres na Sala de Aula. In: **História das Mulheres no Brasil**. Ed. Unesp. São Paulo, 2004. p. 443-481

MARQUES, Gislaíne. **Um revelar práticas não-sexistas dos meninos e das meninas em uma creche de Hortolândia**. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, (TCC), 2004.

ORGARI, Bárbara e MOLINA, Paola. **A educadora de creche – construindo suas identidades**. São Paulo: Cortez, 2003.

PERROT, Michelle. **História das Mulheres – Modernidade**. São Paulo: Ed. Afrontamento, 1990.

PINTO, Céli Regina J., **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

PREUSCHOFF, Gisela. **Criando meninas**. São Paulo: Fundamento; 2003.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criação de filhos pequenos: Tendências e ambigüidades contemporâneas. IN: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara T. (org) **Família em Processos Contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995, p. 167-190.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-ajuda e Individualismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

SARTORI, Ari José. A origem dos estudos de gênero. In: SARTORI, Ari José e BRITTO, Néli Suzana. (org.) **Gênero na educação: espaço para a diversidade**. Florianópolis: Genus, 2004.

SAYÃO, Déborah. Pequenos homens, pequenas mulheres? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-posições**, Campinas, SP, v. 14, nº 3, (42), p. 67 – 88, 2003.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Unesp, 1992, p.64-65.

_____. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16 (2), p. 5-22, jul-dez 1990

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

THOMPSON, Edward. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.

TRISTÃO, Fernanda C. Dias. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: **Infância Plural, crianças do nosso tempo**. Porto Alegre: Mediação, 2006 p. 39-58.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA. Introdução, as mulheres brasileiras no início do século XXI. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (orgs). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VICENTE, Ana. **Mulheres Portuguesas vistas por Viajantes Estrangeiros (Séculos XVIII, XIX, XX)**. Lisboa: Ed. Gótica, 2001.

Video:

BONECA NA MOCHILA. Produção do ECOS. Direção Reginaldo Bianco. Argumento Reginaldo Bianco e Marcus Ribeiro. São Paulo. 2005. (25 min.): VHS. Son., color. Educativo.

Bibliografia geral

- ANDRE, Marly e LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.
- ARIÉS, Philippe. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ASBAHR, Melissa C. C. **Os professores leitores dos livros de auto-ajuda para crianças**. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2005. (Dissertação)
- BECCHI, Egle e BONDIOLI, Anna (orgs.). **Avaliando a Pré-escola: uma trajetória de formação de professoras**. Campinas: Autores associados, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BIDDULPH, Steve. **Criando Bebês Felizes**. Rio de Janeiro: Prestígio, 2007
- _____. **Criando Meninos**. Rio de Janeiro: Fundamento, 2002.
- BILAC, Elisabete Dória. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. IN: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara T. (orgs.) **Família em Processos Contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995, p. 43-61.
- BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna (orgs.). **Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, D.O.U., dez 1996.
- BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: Novas perspectivas**. Editora da Universidade Paulista, São Paulo, 1992.
- CAMPOS, Maria Malta. A Constituinte e a educação de criança da 0 a 6 anos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Cortez, nº 59, p. 57-65, nov. 1986.
- DOWNING, Douglas e CLARK, Jeffrey. **Estatística Aplicada, um modo fácil de dominar os conceitos básicos**. São Paulo: Saraiva, 1998.

FARIA, Ana Lucia G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. IN: FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Marina. (org.) **Educação Infantil pós-LDB. Rumos e desafios**. Campinas: Autores associados, 1999, p. 67-100

_____; DEMARTINI, Zeila de B. F.; PRADO, Patrícia D. (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados. 2002.

FERREIRA, Claudia e BONAN, Claudia. **Mulheres e Movimentos**. Ed. Aeroplano, Rio de Janeiro, 2005

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2004. (Dissertação)

_____. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Proposições**. Faculdade de Educação da UNICAMP – Campinas. Vol. 14, nº 3 (42), p. 89-101. set/dez de 2003

_____ e VIANNA, Claudia P. . Corpo e cultura: bases sociais das diferenças entre homens e mulheres. **Viver Mente Cérebro - A tregua dos sexos**. São Paulo, p. 50 - 55, 01 fev. 2007

FLEURI, Reinaldo Matias. Políticas públicas: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 495 – 520, 2006.

GERIBOLA, Vânia. **Pernas cruzadas e mãos no joelho: superando o sexismo em busca de uma pedagogia feminista**. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2002. (TCC)

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DERMATINI, Zélia de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (org). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p. 69-92.

_____. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas. **Pro-posições**, Campinas, SP, v. 10, n.1 (28), p. 139-154, 1999.

KAYSEL, Juliana Alves. **As relações de gênero durante as brincadeiras em diferentes espaços de uma EMEI de Campinas**. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2006. (TCC)

KISHIMOTO, Tizuko. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

LOURO, Guacira L. Mulheres na Sala de Aula. In: **História das Mulheres no Brasil**. Ed. Unesp. São Paulo, 2004. p. 443-481

_____. O cinema como pedagogia. In: Eliane Marta Teixeira Lopes; Luciano Mendes Faria Filho; Cynthia Greive Veiga. (orgs.). In: **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 423-446.

_____. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 20, p. 101 – 132, 1995.

MARQUES, Gislaine. **Um revelar práticas não-sexistas dos meninos e das meninas em uma creche de Hortolândia**. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, (TCC), 2004.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

ORGARI, Bárbara e MOLINA, Paola. **A educadora de creche – construindo suas identidades**. São Paulo: Cortez, 2003.

PERROT, Michelle. **História das Mulheres – Modernidade**. São Paulo: Ed. Afrontamento, 1990.

PINTO, Céli Regina J., **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRADO, Patrícia Dias. As crianças pequenininhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pro-posições**. Campinas, v. 10, n.1 (28), p. 110 – 118, 1999.

PREUSCHOFF, Gisela. **Criando meninas**. São Paulo: Fundamento; 2003.

ROMERO, Elaine. A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento. In: ROMERO, Elaine (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995, p. 235-270.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criação de filhos pequenos: Tendências e ambigüidades contemporâneas. IN: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara T. (org) **Família em Processos Contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995, p. 167-190.

_____. Educação infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.96, p. 58 – 65, 1996.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-ajuda e Individualismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

SARTORI, Ari José. A origem dos estudos de gênero. In: SARTORI, Ari José e BRITTO, Néli Suzana. (org.) **Gênero na educação: espaço para a diversidade**. Florianópolis: Genus, 2004.

SAYÃO, Déborah. Pequenos homens, pequenas mulheres? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-posições**, Campinas, SP, v. 14, nº 3, (42), p. 67 – 88, 2003.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Unesp, 1992, p.64-65.

_____. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16 (2), p. 5-22, jul-dez 1990

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

THOMPSON, Edward. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.

TRISTÃO, Fernanda C. Dias. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: **Infância Plural, crianças do nosso tempo**. Porto Alegre: Mediação, 2006 p. 39-58.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA. Introdução, as mulheres brasileiras no início do século XXI. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (orgs). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VICENTE, Ana. **Mulheres Portuguesas vistas por Viajantes Estrangeiros (Séculos XVIII, XIX, XX)**. Lisboa: Ed. Gótica, 2001.